

USINA
de VALORES

JESUS

E OS



DIREITOS HUMANOS

Porque o reino de Deus
é justiça, paz e alegria

PUBLICAÇÃO

ORGANIZADOR
Ronilso Pacheco

CO-ORGANIZADOR
João Luiz Moura

PROJETO GRÁFICO E CAPA
Eduardo Foresti
Helena Hennemann

DIAGRAMAÇÃO
Helena Hennemann

REVISÃO
Flávio Conrado
Karen Ianino

IMPRESSÃO
Gráfica Igil

REALIZAÇÃO

Instituto Vladimir Herzog

DIRETOR EXECUTIVO
Rogério Sottili

DIRETORA EDUCACIONAL
Ana Rosa Abreu

Equipe Usina de Valores

COORDENADOR GERAL
Lucas Paolo Vilalta

GESTOR ADMINISTRATIVO
FINANCEIRO
Dyego Pegorario

ASSISTENTE ADMINISTRATIVO
E FINANCEIRO
Francisco Monteiro Paulo

COORDENADOR EDUCACIONAL
Alan Brum

COORDENADOR DE COMUNICAÇÃO
Semayat Oliveira

GESTOR MULTIMEIOS
Vinicius Martins

CO-REALIZAÇÃO

Prefeitura de São Paulo

PREFEITO
Bruno Covas

Secretaria Municipal
de Direitos Humanos
e Cidadania

SECRETÁRIA
Berenice Maria Giannella

Departamento
de Educação em
Direitos Humanos

DIRETOR
Raphael Buongermino

JESUS E OS DIREITOS HUMANOS

CATALOGAÇÃO NA FONTE:

Jônatas Souza de Abreu, Ms. CRB4-1823

J585

Jesus e os direitos humanos: porque o reino de Deus é justiça, paz e alegria / Ronilso Pacheco, João Luiz Moura. – Rio de Janeiro: Vlado, 2018.

144 p., 11,3x15 cm.

ISBN 978-85-65059-12-1

1. Teologia Evangélica. 2. Direitos humanos.
3. Liberdades fundamentais. 4. Espiritualidade.

I. Pacheco, Ronilso (Org.). II. Moura, João Luiz (Org.). III. Título.

CDU 27-1+342.7

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

Teologia cristã 27-1
Direitos humanos 342.7
Evangelicalismo 279.123
Bíblia 27-23

SUMÁRIO

PREFÁCIO

9 UM LIVRO PARA NOS
TRAZER À MEMÓRIA AQUILO
QUE NOS DÁ ESPERANÇA
PR. RONILSO PACHECO

17 JESUS E OS DIREITOS
HUMANOS: POR UMA
VERDADEIRA EVANGELIZAÇÃO
CAIO MARÇAL

29 MARIA MADALENA:
UMA DISCÍPULA PRESENTE
EM TODO TEMPO
PRA. ANDREIA FERNANDES

45 IGREJA EVANGÉLICA,
PROJETO ALÉM DO NOSSO
OLHAR: PARTILHA QUE UNE
EVANGELHO E RESPEITO
AOS DIREITOS HUMANOS
PRA. KÁTIA EZOITE
PR. JAIRO DOS SANTOS

59 JESUS: EXEMPLO DE
RESISTÊNCIA E ESPERANÇA
PARA PROMOÇÃO DE DIREITOS
E VIDA DO POVO NEGRO
ANDRÉ GUIMARÃES

73 O REINO DE DEUS É JUSTIÇA,
PAZ E ALEGRIA: COMO
O EVANGELHO DE JESUS
INSPIRA SEGURANÇA?
GÉSSICA DIAS

87 JESUS É A VITÓRIA
DO AMOR E DO PERDÃO
SOBRE A VIOLÊNCIA
PR. HENRIQUE VIEIRA

101 AMOR E RESPEITO:
BASES PARA PROMOÇÃO
DA DIVERSIDADE RELIGIOSA
PR. KLEBER LUCAS

113 A IGREJA BATISTA
EM COQUEIRAL E OS
DIREITOS HUMANOS
PR. JOSÉ MARCOS

127 TODAS AS VIDAS IMPORTAM?
PROTESTANTISMOS
E DIREITOS HUMANOS
JOÃO LUIZ MOURA



PREFÁCIO

UM LIVRO PARA NOS TRAZER À MEMÓRIA AQUILO QUE NOS DÁ ESPERANÇA

PR. RONILSO
PACHECO

Ronilso Pacheco é teólogo, escritor e pastor da Comunidade Batista de São Gonçalo. Ativista de movimentos sociais ligados a questões raciais.

Por que ter um material que se esforce em aproximar a *Declaração Universal dos Direitos Humanos* da Bíblia? Mais do que isso: seria possível vislumbrar em Jesus, atitudes, mensagens e posturas que nos permitissem dizer que Ele validaria os Direitos Humanos? A violação da *Declaração Universal dos Direitos Humanos* deve importar à igreja? De fato, este trabalho coletivo aqui proposto tem dois orientadores principais: a *Declaração Universal dos Direitos Humanos* e a Bíblia. Algo nos indica, na construção desse processo de trabalho, que lembrar esta aproximação é necessária e tem se tornado cada vez mais urgente.

Há uma sensação de que este relacionamento (Bíblia e Direitos Humanos) está ameaçado, como se fosse um relacionamento entre coisas antagônicas. Fruto de um intenso debate sobre o seu “papel” nos últimos anos, os Direitos Humanos vêm sendo cada vez mais questionados como se pertencessem a um grupo específico que os merece (“Direitos Humanos apenas para humanos direitos”, dizem uns) ou fosse um mero argumento usado por quem quisesse encobrir (proteger) criminosos, ignorando o sujeito honesto e trabalhador que, muitas vezes, é uma vítima, ou como organizações que veriam nisso uma forma de lucrar com a desordem social (“o pessoal dos Direitos Humanos só defende bandido”, dizem outros).

Sendo assim, este livro foi pensado para ajudar (porque não é o único esforço neste sentido) a resgatar e reafirmar que a *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, com todos os seus limites, é um ganho universal e necessário – mas não

apenas isso. O livro também é uma proposta para reafirmar que a Bíblia e, em especial, a vida de Jesus narrada nos Evangelhos, inspira e reforça a Declaração como um bem comum a todas e todos. A afirmação fundamental da Declaração, contida já no primeiro artigo, norteia toda a agenda dos Direitos Humanos: “Todos os seres humanos são livres e iguais em dignidade e direitos”. A afirmação fundamental de Gênesis, primeiro livro da Bíblia é de que, “no princípio, Deus criou os céus e a terra” e que “Deus criou homem e mulher à sua imagem e semelhança”. Aqui, no início de todas as coisas – na perspectiva bíblica – dois princípios se encontram: a criação de todas e todos e sua igualdade em direitos.

Neste trabalho coletivo, cada autor e autora preocuparam-se com o desafio de produzirem textos que não fossem apenas discursivos ou argumentos teológicos e acadêmicos sobre os temas propostos, mas textos que tivessem uma combinação generosa entre a profundidade necessária, a linguagem acessível e a Bíblia como principal referencial teórico. Parece um desafio simples, porém não é. Uma das explicações para demonstrar que não é simples, é perceber que esta capacidade tem, no Brasil, alguns mestres e algumas mestras, que são até hoje quase únicos nesta arte. Aqui falamos do frei católico Carlos Mesters e do luterano Milton Schwantes, mestres pioneiros na arte de levar a complexidade das narrativas bíblicas até o povo simples, tratando de temas que geralmente só ocorriam citando intelectuais, pesquisadores, pensadores. Falamos da pastora metodista Nancy Cardoso e da professora católica leiga Tereza Pompéia Cavalcante,

igualmente formadoras de uma geração que se inspirou em, a partir da Bíblia, falar do que tocava o dia a dia das pessoas comuns, da luta do povo.

Com este desafio assumido, nosso texto de abertura *Jesus e os Direitos Humanos: por uma verdadeira evangelização*, o missionário Caio Marçal nos ajuda a fazer este primeiro reconhecimento, de que a vida de Jesus nos revela um cuidado e uma responsabilidade pela dignidade de quem quer que seja. Com o segundo texto *Maria Madalena: uma discípula presente em todo tempo*, a pastora Andreia Fernandes nos leva a discutir sobre a condição das mulheres no Brasil atual e as questões de gênero que não podem mais ser deixadas de lado. Falando, no terceiro capítulo, sobre suas experiências práticas de luta e pastoral, a pastora Kátia Teixeira e o pastor Jairo dos Santos nos apresentam a vivência da igreja *Projeto Além do Nosso Olhar*, uma igreja pentecostal, no contexto da Baixada Fluminense (RJ), que inspira toda uma igreja a estar reflexiva tanto à adoração quanto à exigência de seus direitos e do direito e dignidade de sua comunidade local.

Em *Jesus: exemplo de resistência e esperança para promoção de direitos e vida do povo negro*, no quarto capítulo, o missionário André Guimarães nos conduz, generosamente, a uma profunda e dolorosa reflexão sobre a importância da questão racial, o quanto ela é tratada de forma sutil e danosa por nossa sociedade e nossa igreja; e, também, como podemos combater o racismo através de um testemunho bíblico. No quinto capítulo, o texto em que Géssica Dias nos

fala sobre segurança, lançando mão da pergunta: “Como o *Evangelho de Jesus inspira segurança?*”. Nisto, não apenas uma segurança pessoal e individual, mas como o *Evangelho* nos inspira a pensar sobre políticas de segurança pública. *Jesus é a vitória do amor e do perdão sobre a violência* é o texto do sexto capítulo, do pastor Henrique Vieira. Este é um texto que trata, sobretudo, de como a vida de Jesus dá caminhos para interrompermos o ciclo de violência, discursos de ódio e intolerâncias, de como não termos no medo um instrumento que nos leve a sermos razoáveis com violências que são apresentadas como medidas de segurança.

Em *Amor e respeito: bases para promoção da diversidade religiosa*, nosso sétimo capítulo, o pastor e compositor Kleber Lucas nos apresenta, a partir de sua própria vida, uma incrível contribuição sobre como, e por que, o direito humano da liberdade religiosa deve ser respeitado, é inspirado em Jesus, e torna o nosso convívio social mais seguro e amoroso. No penúltimo capítulo, o teólogo João Luiz Moura nos convida a pensar: *Todas as vidas importam? Protestantismos e Direitos Humanos*. Aqui, vai tratar, especialmente, do lugar da vida considerada sagrada, mas nos provocando a pensar por que, se Jesus nos disse que veio para que todas e todos tenham vida em abundância, algumas vidas parecem ser consideradas mais sagradas em detrimento de outras. E o pastor José Marcos, da Igreja Batista em Coqueiral (Recife/PE), encerra nosso trabalho coletivo, dividindo conosco a experiência de sua igreja, com seu profundo e reconhecido impacto em uma área periférica da capital pernambucana. Com este pastor,

aprendemos o quanto uma comunidade local ganha, tendo uma igreja que abriu mão do necessário relacionamento entre o reconhecimento e o respeito aos Direitos Humanos e a fé em Jesus, inspirada em sua vida nos Evangelhos.

SOBRE O QUE ESPERAMOS

Nosso anseio primaz é que este livro entre em nossas casas, entre em nossas igrejas, entre em nossos círculos de oração.

Por um lado, o livro vem dizer a irmãos e irmãs que respeito aos direitos e à dignidade, de quem quer que seja, não é uma ameaça nem discurso “do mundo” que quer invadir a igreja, mas, antes, é apenas seguir o caminho que Jesus tão bem ensinou. Por outro lado, este livro vem dizer a tanta gente que a Bíblia não pertence a um grupo específico e evangélicos não são um grupo único. Sempre houve evangélicos que, assim como Jesus, amaram os Direitos Humanos e a dignidade, que souberam viver com aqueles e aquelas que eram diferentes deles e, que viram no Evangelho, inspiração e razão suficiente para entender o que é defender justiça e igualdade. No fim, aprenderam a serem guiados pelo amor.

Que ao ler, compartilhar e anunciar as ideias contidas nesse livro, cumpra-se as palavras do profeta Amós: “Que a justiça corra como um rio perene” (5.24). Amém!





JESUS E OS DIREITOS HUMANOS: POR UMA VERDADEIRA EVANGELIZAÇÃO

CAIO MARÇAL

Caio Marçal é teólogo, pedagogo e mestrando em Sociologia. Missionário numa ocupação sem teto em Belo Horizonte e na Rede Fale. É membro da Igreja Batista da Redenção, BH.

Poucos assuntos ganharam tanta relevância nos últimos anos quanto os Direitos Humanos. Se tempos atrás era um tema que mal se ouvia falar, hoje não faltam opiniões quando se toca nessa questão, muitas vezes de forma acalorada. Seja em programas de rádio, em escolas, em conversas com amigos da rua ou mesmo em almoço de família, discutir sobre Direitos Humanos entrou em nossas pautas de bate-papo.

Os Direitos Humanos são comumente entendidos como direitos fundamentais aos quais uma pessoa é inerentemente portadora simplesmente por ser um ser humano. Um documento basilar para sua compreensão é a *Declaração Universal dos Direitos Humanos da Assembleia Geral das Nações Unidas*, promulgada em 1948, após o término da Segunda Guerra Mundial. A declaração inclui 30 artigos e manifesta que todos têm prerrogativa a todos os direitos e liberdades estabelecidos “sem distinção de qualquer tipo, como raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou outra, origem nacional ou social, propriedade, nascimento ou outro status”. A declaração de abertura no preâmbulo diz que “o reconhecimento da dignidade inerente e dos direitos iguais e inalienáveis de todos os membros da família humana é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo”.

Mas o que esse assunto tem a ver com a nossa fé? O que a nossa missão, enquanto seguidoras e seguidores de Jesus de Nazaré, tem a ver com as questões relacionadas aos Direitos Humanos? Como isso se correlaciona com a

evangelização? É possível ser cristão e ser um militante de Direitos Humanos? Essa é uma pergunta importante e que deve nos fazer pensar, refletir e compreender esse tema a partir da ótica do evangelho, não é mesmo?

Ao longo desse texto, nosso desejo é fazer com que possamos ser desafiados pela vida de Cristo a compreender quais são os caminhos possíveis para constituir uma percepção adequada e, assim, responder tais interrogações.

JESUS, SUA MISSÃO E OS DIREITOS HUMANOS

Foi-lhe entregue o livro do profeta Isaías. Abriu-o e encontrou o lugar onde está escrito: O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor. Então ele fechou o livro, devolveu-o ao assistente e assentou-se. Na sinagoga todos tinham os olhos fitos nele; e ele começou a dizer-lhes: ‘Hoje se cumpriu a Escritura que vocês acabaram de ouvir’. (Lucas 4:17-21)

O texto acima é um relato do início do ministério de Jesus. Depois de fazer um “estágio” no deserto, onde ele é tentado pelo Maligno, o Cristo volta para sua Galileia e lá inicia seu ministério pregando nas sinagogas. Chegando a Nazaré, Ele lê um

pequeno trecho do livro de Isaías e diz que naquele momento aquela palavra estava se cumprindo. Mas o que isso quer dizer?

Ao ler essa passagem, Jesus assinala que o Espírito Santo o ungiu para uma determinada tarefa. Naquele contexto, ungiu é uma destinação que alguém escolhido recebe para determinada vocação. Ou seja, Cristo indica basicamente qual é o objetivo final de sua missão. Em outras palavras, é como se ele dissesse: “Foi para isso que eu vim” ou “Esse é meu projeto de vida”.

Contudo, é possível dizer que nesse momento o Cristo não está apenas definindo sua agenda missionária, mas a de todos os seus seguidores. Nesse sentido, esse texto implica a todos aqueles que se denominam como cristãos! Compreender essa declaração é, sobretudo, perceber qual é a tarefa de todas as discípulas e discípulos de Cristo.

E o que há nessa agenda de missão de Jesus? Quais as implicações desse manual que deve reger a vida de seus seguidores? Como isso pode provocar um novo olhar para a nossa caminhada missionária, com as questões da coletividade e nossa forma de lidar com as pessoas no dia a dia?

Em primeiro lugar, Jesus declara que ele fora ungiu “para pregar boas novas aos pobres”. Mas qual é o significado disso? Para compreender essa afirmação de Jesus, é preciso voltar um pouco atrás e entender o que significa o termo ‘evangelho’. Muitos pensam o evangelho como uma

espécie de teoria religiosa. Porém, nos tempos de Jesus, o termo significa o ‘anúncio especial que proclamava o nascimento ou o acesso ao poder de um novo rei ou reino’.

A mensagem de Jesus promove o início de um reinado, onde o Rei é Deus. Jesus e os apóstolos anunciaram o Reino de Deus. O Evangelho é a ‘boa notícia’ do Reino de Deus. Quando alguém reina em algum lugar, sua vontade é feita plenamente. No Reino de Deus, sua vontade é plena e os seus súditos vivem sob essa nova ordem.

Nesse sentido, a proclamação do Reino de Deus indica uma nova lógica diferente dos reinos desse mundo marcado pelo pecado. A ruptura com Deus é marcada também pela ruptura com todos os seres criados à imagem e semelhança Dele. Tal separação traz consequências reais como a miséria, a exclusão, a violência, a exploração, o racismo, o machismo ou o colonialismo.

CONTUDO, A BOA NOTÍCIA DA CHEGADA DO REINO DE DEUS ANUNCIA QUE TODOS OS EXCLUÍDOS, VIOLENTADOS E ESMAGADOS PELO SISTEMA DIABÓLICO DESSE MUNDO – QUE JAZ NO MALIGNO – SÃO ACOLHIDOS, AMADOS, CONSIDERADOS E INCLUSOS NA FAMÍLIA DE DEUS.

Jesus participou intensamente dessa plataforma de redenção dos pobres. Ele jamais se apartou das pessoas que se esperaria que ele evitasse. Ele permaneceu amigo dos marginalizados da sociedade e tocou nos intocáveis e tidos como indesejáveis. Jesus, o verbo vivo de Deus, foi total identificação de amor. Aleluia!

Em segundo lugar, a agenda de missão de Jesus indica que Ele veio para “proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor”. O texto não deixa dúvidas: Jesus compreende que aqueles que estão em situação de vulnerabilidade têm primazia e são o alvo de sua militância de fé. Gente que precisa ser curada da violência, da dor de ser discriminada, de ser liberta de qualquer modelo que a oprime e a torne cativa – aqui há um paradigma essencial. Jesus não apenas reconhece que o modelo dos reinos desse mundo gera dominadores e dominados, mas toma partido em favor dos oprimidos. Ele não faz de conta que não existe opressão. Dessa forma, assume que sua ação evangelizadora é transformar-se em um manifestante.

Particularmente, em alguns círculos evangélicos, protestar é visto como algo errado ou mesmo pecaminoso. Para tais cristãos, imaginar Cristo como um manifestante é visto como um ato de blasfêmia. O termo ‘manifestante’ evoca julgamentos fortes, dependendo com quem você fala e em que contexto. A palavra pode invocar sentimentos de

irritação, aborrecimento e até raiva. Como qualquer outra coisa, protestar pode ser aproveitado para propósitos horríveis e, portanto, não deve ser motivado por ódio, violência ou punição.

Contudo, se formos honestos com nossa fé evangélica e protestante, concluiremos que protestar pode ser um ato sagrado de justiça. Protestar é a antítese de ser apático, cúmplice, insensível e passivo. Portanto, os cristãos devem se consolar com o fato de que Jesus – o filho de Deus – não era nem apático, insensível ou passivo.

Sim, Cristo fez muita coisa em silêncio. Mas também foi um manifestante provocador que causou alvoroço por onde passava. Ele incomodou tanto que acabou sendo preso por perturbar o sistema à sua volta. Em suma, espancado e sacrificado em uma cruz por causa de suas palavras e ações.

MAS COMO JESUS ERA UM MANIFESTANTE? ERA SIM, POIS ELE LEVOU SUA MENSAGEM ÀS MASSAS, FALANDO E DEFENDENDO ONDE QUER QUE PUDESSE. CRIOU UM MOVIMENTO BASEADO NO AMOR, NA SOLIDARIEDADE, NA JUSTIÇA E NA ESPERANÇA.

Como manifestante, denunciou e confrontou líderes locais, chegando a denominar Herodes de “raposa” (Lucas 13:32).

No Novo Testamento, o Jesus manifestante criticou os fariseus e os chamou de hipócritas por darem o dízimo meticulosamente, mas falharem em aplicar o princípio mais profundo de justiça e igualdade: “Mas ai de vós, fariseus! Porque dais o dízimo da hortelã, da arruda e de todas as hortaliças e desprezais a justiça e o amor de Deus; devíeis, porém, fazer estas coisas, sem omitir aquelas” (Lucas 11: 42 – ARA). Seja nas estradas, nos montes ou mesmo no Templo, Sua voz ecoou em favor dos esquecidos, das crianças, das mulheres e dos marginalizados.

Por fim, o texto indica que Jesus veio “proclamar o ano da graça do Senhor”. Estudiosos da Bíblia indicam que essa declaração de Jesus é uma alusão ao ano do Jubileu, descrito em Levítico 25. Quando o povo de Israel chegou à terra prometida, ouviu partilha da terra e foi instruído o Jubileu, que eram leis que tinham por objetivo manter a equidade entre toda sociedade. Tais direitos prescritos procuravam impedir a acumulação de terras e promover a redistribuição dos meios de produção de tempos em tempos, bem como medidas que bloqueavam a proliferação da indigência entre o povo de Deus e também entre os estrangeiros. Essas leis foram criadas como uma forma de tornar o povo de Deus um exemplo para os outros povos.

O Jubileu deveria ser o ano sabático dos anos sabáticos. A cada sete dias, os israelitas celebravam um dia de descanso. E, a cada sete anos eles deveriam observar um ano sabático de descanso, uma medida de ordem ambiental. Depois de

sete anos sabáticos – 7 x 7 – deveria haver um ano sabático super-super, o ano do Jubileu. Durante o ano do Jubileu,

Se alguém do seu povo empobrecer e se vender a algum de vocês, não o façam trabalhar como escravo. Ele deverá ser tratado como trabalhador contratado ou como residente temporário; trabalhará para quem o comprou até o ano do jubileu. Então ele e os seus filhos estarão livres, e ele poderá voltar para o seu próprio clã e para a propriedade dos seus antepassados. (Levítico 25:39-41)

No decorrer dos anos, entre cada Jubileu, várias pessoas, por diversas razões, cairiam em dívidas e, como consequência, elas e suas famílias seriam vendidas como escravas por dívidas. Durante o ano do Jubileu, esses escravos da dívida – muitas vezes, famílias inteiras – deveriam ser libertados. Porém, a terra da família deveria ser restituída a eles. Tudo deveria ser perdoado e a sociedade restauraria fortunas. Quem estivesse ouvindo Jesus naquela época, entenderia que isso significava criar uma sociedade justa.

A ação redentora de Jesus veio restabelecer o Senhorio de Deus e restaurar tudo aquilo que a queda ocasionou. A vida, morte e ressurreição de Jesus não vieram para simplesmente salvar um “punhado” de gente, mas retomar toda a consciência da humanidade cativa à vontade de Deus: “e por meio dele reconciliasse consigo todas as coisas”. (Colossenses 1:20, grifo nosso). Em um mundo dividido entre Alphaville e a favela, entre muitos que não têm nada e poucos que têm tudo, o evangelho da reconciliação nos põe como agentes de transformação.

CONCLUSÃO

A Bíblia revela um Deus que ouve os gritos dos oprimidos e ama trazer libertação. A missão de Deus estabelece uma agenda para os cristãos, ela é pronunciada por Cristo Jesus. Em nossa pregação, oração e adoração, precisamos readquirir uma visão correta do significado do que é a evangelização – o anúncio de uma nova lógica onde Deus reúne e reconcilia suas filhas e filhos como uma grande família. Portanto, a nossa vivência do evangelho nos envolve para uma vida compromissada com a libertação de todo tipo de opressão.

A IGREJA NÃO DEVE SER UM REFÚGIO ACOLHEDOR DO MUNDO, UMA “BOLHA” ESPIRITUAL ISOLADA QUE CONTÉM UMA PIEIDADE PRIVATIZADA E DISTANTE DO SOFRIMENTO HUMANO.

É interessante que, ao término desse relato, Jesus chega a sofrer sua primeira ameaça de morte. Os líderes religiosos que ouviram essa mensagem ficaram furiosos com sua breve exposição. Eles estavam tão zangados que expulsaram Jesus da cidade, levaram-no até o cume do monte para dali o precipitarem.

Daí infere-se que a mensagem do evangelho é uma “espada de dois gumes”. Para alguns, ela é a boa notícia de um Reino de amor, reconciliação, onde todos são acolhidos e não há mais injustiça. Para outros, os opressores ou os que desejam estar em situação de conforto, é uma má notícia. Esses últimos, mesmo sendo religiosos, sentirão ódio de quem optar por assumir a radicalidade da boa nova do evangelho.

Nesse sentido, o evangelho também ganha caráter de denúncia profética. A pergunta final é: De que lado você está? Dos que acolhem essa mensagem como uma boa notícia ou como uma má notícia? Você está ao lado dos pobres com Cristo ou ao lado dos que oprimem?

Que a agenda missionária de Jesus, nosso mestre e guia, nos inspire a proclamar que o Reino de Deus é justiça, paz e alegria. Minha oração é que respondamos positivamente ao chamado do evangelho para amar os Direitos Humanos.

Amém!



MARIA MADALENA: UMA DISCÍPULA PRESENTE EM TODO TEMPO

PRA. ANDREIA
FERNANDES

Andreia Fernandes é teóloga, fonoaudióloga, mestra e doutora em Educação, pastora da Igreja Metodista do Brasil, SP.

Maria Madalena foi citada nos quatro Evangelhos. Quando pensamos que a Bíblia foi escrita por homens em tempos em que as mulheres eram desvalorizadas, podemos concluir que ela foi uma mulher tão importante que preconceito algum deu conta de escondê-la nos relatos bíblicos.

Muitas mulheres foram seguidoras de Jesus e sustentaram, inclusive financeiramente, seu ministério. Maria Madalena foi uma delas e sua caminhada com o Mestre fez com que estivesse presente em dois momentos decisivos da vida de Jesus: sua morte e sua ressurreição.

O que sabemos e aprendemos de Maria Madalena? Em nossa sociedade, apelidar uma mulher de “Maria Madalena” não é lhe conferir uma homenagem, muito pelo contrário: tem uma conotação negativa. O senso comum, ajudado pela tradição do início da igreja, se refere a ela como uma mulher pecadora, prostituta, adúltera.

O DISTORCIDO CONHECIMENTO DA BÍBLIA FAZ COM QUE AS PESSOAS DESMEREÇAM O MINISTÉRIO DESSA MULHER E A TRATEM DE FORMA INJUSTA.

Aqui vamos partilhar algumas considerações sobre sua identidade, trajetória e ministério.

DE ONDE VEIO ESSA MULHER?

O que temos da origem de Maria é que ela era de Magdala, por isso a chamavam de Magdalena (Madalena). Geralmente, as mulheres na Bíblia eram identificadas pelo seu grau de parentesco em relação a um homem. Por exemplo, Maria, mãe de Jesus; Maria, mãe de Tiago; Joana, esposa de Cuza etc. Com Maria Madalena isso não acontece, a referência é sua cidade de origem: ela era de Magdala. Isso pode significar que não tinha parentes conhecidos na comunidade cristã e seguia a Jesus de forma independente, o que era incomum para a época¹.

Onde ficava Magdala? A única vez que encontramos essa palavra na Bíblia é quando se fala de Maria Madalena, mas a pesquisa bíblica afirma que quando a região da Dalmanuta (Marcos 8:10) e Magadã (Mateus 15:39) são citadas, elas se referem a Magdala nos manuscritos originais. Acredita-se que Magdala ficava próxima ao mar da Galileia, era uma cidade próspera que fazia parte da rota comercial internacional, recebia muitas pessoas estrangeiras e, por isso, marcada pela diversidade cultural².

1 REIMER, Ivove. **Vida das Mulheres na sociedade e na Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1995.

2 MOURA, Fátima Maria C.R. **Maria Madalena, a discípula amada**. São Leopoldo, RS: CEBI, 2013, p.14.

O ENCONTRO LIBERTADOR DE MARIA MADALENA COM JESUS

O que fez com que Maria Madalena se envolvesse no movimento de Jesus? Quando ela se encontrou com Jesus, teve a sua vida radicalmente modificada. Tornou-se discípula porque fora liberta pelo Mestre como destaca o texto bíblico:

... Maria Madalena, da qual expelira sete demônios... (Lucas 8:2)

Sobre isso, a teóloga e biblista mexicana Elza Tamez afirma:

“Por causa dos demônios havia perdido sua dignidade e seu sentido de pertencimento, precisava encontrar a forma de ‘retornar a si mesma’. Conhecendo as histórias de pessoas endemoninhadas curadas por Jesus, penso que certamente sua vida havia sido muito triste, seu corpo certamente estava marcado e é muito provável que vivesse extremamente marginalizada.”³

Uma pessoa endemoninhada é uma pessoa que já não consegue pensar por si mesma, não tem autonomia de decidir sobre si, está escrava de algo que intencionalmente quer lhe separar da vida abundante⁴. Assim estava Maria quando encontrou Jesus: a única coisa que sabemos é que

3 TAMEZ, Elsa. **As mulheres no movimento de Jesus, o Cristo**. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2004, p.75

4 MESTERS, C.; LOPES, Mercedes. **Caminhando com Jesus: círculos bíblicos do Evangelho de Marcos**. 2.ed. São Leopoldo, RS: CEBI; São Paulo: Paulus, 2008.

ela estava endemoninhada, nada mais do que isso. Ainda que a tradição diga que ela era prostituta, adúltera ou algo do tipo, não há fundamentação bíblica que explicita isso.

A Bíblia não relata como foi o encontro dessa mulher com Jesus, mas ousamos afirmar que

JESUS, EM AMOR, ENXERGOU ESSA MULHER E NÃO APENAS OS “DEMÔNIOS” QUE A APRISIONAVAM. POR AMOR A MARIA, JESUS NÃO A JULGOU, MAS SE APROXIMOU DELA E A LIBERTOU.

E essa experiência foi tão marcante na vida de Madalena que cobriu todas as outras marcas negativas que seu corpo carregava. Ela, agora marcada pelo amor de Jesus, converteu-se a Ele e decidiu segui-lo até o fim.

MARIA MADALENA: COMPANHEIRA EM TODO TEMPO

Maria Madalena é como a grande maioria de mulheres na Igreja: sempre disponível a aceitar os desafios da igreja e ajudar até o fim. Além da ajuda cotidiana no movimento de Jesus, ela participou de dois eventos muito importantes para a fé cristã: a morte e a ressurreição de Jesus.

- a) *na crucificação de Jesus.* Diante da crucificação de Jesus, todas as pessoas que o seguiam foram inundadas de tristeza e desesperança, afinal, quem elas criam ser o Messias, tinha acabado de morrer. Além de tristeza, decepção e desesperança, outro sentimento inundou quem seguia Jesus: o medo. Sim, foi por medo que Pedro negou o Messias (Marcos 14:66-72) e que um jovem seguidor do Mestre fugiu nu (Marcos 16:51, 52). Mas por que tanto medo?

Naquela época, a pessoa crucificada não tinha direito a nada. Tudo era feito da maneira mais cruel possível. Não se permitia que a família e amigos (as) acompanhassem a morte de quem estava na cruz. Caso alguém fosse descoberto, morreria, e isso incluía mulheres e crianças. A pessoa condenada não tinha direito a um enterro, os cadáveres ficavam expostos até serem comidos pelos bichos e eram vigiados pelos guardas para não serem roubados pela família. Quem, apesar da proibição, enterrasse um cadáver, sofreria castigo. Com presos políticos, como foi o caso de Jesus, a vigilância era maior ainda⁵.

Conhecer esse contexto ajuda a perceber a coragem de Maria Madalena e das outras mulheres e homens que permanecerem até a morte de Jesus (Marcos 15:40). José de

5 DOUGLAS, J.D.(org.). **O novo dicionário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 3.ed. rev.

Arimateia só conseguiu o corpo de Jesus porque era uma pessoa muito ilustre (v. 43). O evangelho de Marcos 15 chama atenção para o fato de que Maria Madalena acompanhou Jesus em cada momento. Ela, junto a Maria, mãe de Jesus, não deixou seu Mestre, esteve na crucificação, na morte e também no seu sepultamento (v.47).

EM TODO TEMPO MARIA CORREU O PERIGO DE MORRER, MAS O SEU AMOR POR JESUS LHE AJUDAVA A SUPERAR AS DIFICULDADES QUE SURTIAM. ELA SEGUIA CERTA DE QUE PRECISAVA CUIDAR DO CORPO DO MESTRE, DÁ-LO UM ENTERRO DIGNO.

- b) *Na ressurreição de Jesus.* “Jesus lhe disse: ‘Maria!’ Então, voltando-se para ele, Maria exclamou em aramaico: ‘Rabôni!’ (que significa Mestre!)” (João 20:16)

Todos os relatos dos Evangelhos sobre a ressurreição de Jesus anunciam que ele apareceu a Maria Madalena. Cada evangelista conta a história de uma maneira, mas em todas elas a importância de Maria Madalena está garantida. O fato do nome dela vir primeiro nos relatos (Mateus 28:1; Marcos 16:1; Lucas 24:10; João 20:1), significa que a sua trajetória junto a Jesus e à igreja primitiva foi muito importante⁶.

6 TEPEDINO, Ana Maria. **As discípulas de Jesus**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990, p.102-103.

JESUS NASCEU DE UMA MULHER. QUANDO ELE MORREU AS MULHERES LÁ ESTAVAM, QUANDO RESSUSCITOU FORAM ELAS QUE O VIRAM PRIMEIRO. EM UM TEMPO ONDE A MULHER ERA DESVALORIZADA, VIOLENTADA E, POR QUALQUER MOTIVO, CASTIGADA E DIFAMADA, JESUS FEZ A OPÇÃO DE COLOCÁ-LAS COMO PESSOAS MUITO IMPORTANTES EM SUA TRAJETÓRIA, EM SEU MINISTÉRIO. ASSIM, O MESTRE COMBATIA O SISTEMA OPRESSOR.

Jesus não só amou as mulheres, mas acreditou nelas, libertou-as, deu espaço para que o seguissem, o servissem e o anunciassem. Maria Madalena quando foi anunciar que tinha visto o Cristo ressurreto, os discípulos não acreditaram nela, nem mesmo os dois discípulos que o encontraram ressurreto (Marcos 16:11-14). Jesus censurou aqueles homens por isso. Naquela época, uma mulher não poderia falar publicamente. Só após a constatação de um homem, é que a notícia poderia ser divulgada. Apesar de não terem acreditado nela, Maria Madalena seguiu firme, crendo. Ela foi a portadora da melhor notícia da vida: Jesus venceu a morte, o medo, as injustas condenações. Jesus ressuscitou e, com ele, veio salvação e nova possibilidade de vida.

A história dessa mulher é maravilhosa e tem muito a nos ensinar. Maria Madalena deparou-se com muitos desafios. Dentre eles, destacam-se a opressão, difamação, medo e

descrença. Muitas de nós conhecemos cada uma dessas experiências, os homens também o sabem. Portanto, o que é possível aprender com essa discípula amada em relação a tudo isso? Aqui gostaria de compartilhar algumas percepções.

Opressão: diversas são as formas com que as mulheres são oprimidas, seja dentro ou fora de casa; a opressão nos machuca, nos sufoca, nos sentimos incapazes, impotentes, ela confunde nossos pensamentos, tira a nossa força para decidir sobre a nossa vida. A presença libertadora de Jesus Cristo foi fundamental na vida de Maria Madalena, sua trajetória mudou. O texto diz que ela foi liberta de sete demônios. O número sete na Bíblia tem a ver com totalidade e plenitude⁷. Aquela mulher que era totalmente oprimida, inclusive pela sociedade em que vivia, pôde experimentar a possibilidade de uma vida diferente, liberta, plena. Essa é a proposta de Cristo Jesus para nós.

Difamação: Maria Madalena foi uma mulher que pode ter seguido o movimento de Jesus sem ninguém de sua família. A pesquisa bíblica afirma que ela foi uma importante líder da Igreja e que isso gerou muito ciúme, por isso deve ter enfrentado muitas difamações. Até hoje há quem fale mal dela. Muitas de nós, quando nos convertemos, passamos a seguir a Cristo de forma solitária, perdemos casamentos,

7 MOURA, Fátima Maria C.R. *Maria Madalena, a discípula amada*. São Leopoldo, RS: CEBI, 2013, p.17.

ganhamos a inimizade dos filhos e filhas, a rejeição de parentes, etc. Chegamos até a ter a nossa honra questionada: “Ela não sai da Igreja, será que está lá mesmo?”; “Deve ter um caso com o pastor ou com um líder da igreja”; “Agora ela deixa a própria casa para cuidar de outras pessoas”. Mesmo a gente sabendo que isso não é verdade, fazendo de tudo para “dar conta” da casa, do trabalho e da igreja, às vezes não conseguimos impedir que falem mal da nossa ética, da nossa sexualidade, da nossa vida.

Medo e descrença: seguir a Cristo sempre foi uma opção arriscada, mas Maria Madalena sabia do amor e do poder do seu Mestre e seguiu em frente. Caminhar com Jesus é ter a possibilidade de aprender sempre. A coragem que Maria Madalena teve em acompanhar o seu Mestre até o fim não veio de uma hora para outra. Na caminhada com Jesus, ela foi aprendendo, foi se transformando⁸.

À medida que conhecia Jesus, mudava sua forma de pensar, suas atitudes, sua maneira de amar. É bem possível que diante de tantas mudanças, ela se perguntasse: será que estou indo no caminho certo? Será que realmente é melhor amar as pessoas incondicionalmente, como faz Jesus? Será que ficar ao lado de quem é oprimido é a coisa certa a se fazer, mesmo que isso signifique desrespeitar uma ordem, um governo, um homem, a religião?

8 TAMEZ, Elsa. **As mulheres no movimento de Jesus, o Cristo**. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2004, p. 95

As crianças, desde muito cedo, aprendem que tem que obedecer e que é melhor que o façam sem questionar. Homens e mulheres que caminhavam com Jesus, o viam afirmando que viera cumprir a lei, e ele só poderia fazê-lo mediante a interpretação correta da lei. Por isso, questionava os doutores da lei, porque estes além de distorcer os ensinamentos, oprimiam o povo com interpretações equivocadas. Assim, enquanto o ensino de Jesus sobre a lei fazia com que as pessoas ficassem admiradas (Marcos 1:27), o ensino dos escribas fazia com que as pessoas ficassem aterrorizadas (Lucas 13:14).

PARA OBEDECER A LEI DE DEUS É PRECISO CONHECER, REFLETIR, ELIMINAR OS DISCURSOS RELIGIOSOS OPRESSORES.

Maria Madalena, que caminhava com Jesus, tinha a possibilidade de tirar as suas próprias conclusões e a sua decisão, nós sabemos: ela ficou com Jesus até o fim, ao invés de optar pelos religiosos que acabaram condenando o Cristo.

Assim deve ser a nossa caminhada com Cristo. Quanto mais aprendemos de Deus, mais ele deseja nos orientar e mostrar para gente o que é preciso mudar, transformar. Maria teve medo, mas Cristo lhe deu coragem. Nós temos medos, mas Cristo prometeu estar sempre conosco (Mateus 28:20). Não tenha medo de mudar seus pensamentos e atitudes para viver a plenitude de Cristo.

JESUS: COMPANHEIRO EM TODO TEMPO

Se Maria Madalena tem tanto a nos ensinar, quer sejamos mulheres ou homens, Jesus em sua relação com essa discípula também pode nos ajudar a pensar como as pessoas se relacionam entre si. Há quem afirme, para além do que acredita a fé cristã, que a relação do Mestre com Madalena não ficou restrita à amizade. Há quem diga que Jesus e Maria Madalena relacionavam-se sexualmente. A Bíblia não insinua nem confirma isso, tampouco a fé cristã. É interessante pensar nas dificuldades da sociedade, especialmente machista como a nossa, em reconhecer que um homem e uma mulher podem ser amigos sem interesse sexual. Isso é algo que se perpetua até os dias de hoje.

Se Maria Madalena foi companheira em todo tempo é porque encontrou em Jesus alguém que a valorizava. Aliás,

A VALORIZAÇÃO DAS MULHERES POR JESUS É ALGO PRESENTE NOS QUATRO EVANGELHOS E NÃO SE RESTRINGE A MADALENA. AS MULHERES FORAM AJUDADAS POR ELE E TAMBÉM O AJUDARAM MUITO, SUSTENTANDO SEU

MINISTÉRIO, O ACOMPANHANDO E, DEPOIS DE SUA ASCENSÃO, SENDO DETERMINANTES NA EXPANSÃO DA SUA MENSAGEM E NO FORTALECIMENTO DA IGREJA QUE NASCIA.

Dorcas, a discípula (Atos 9:36-43), Lídia (Atos 16:11-15,40), Febe, Priscila, Trifena, Trifosa, Julia e Pérside (Romanos 16) são algumas delas.

Jesus, a despeito do que o preconceito e a cultura vigente apregoavam em relação às mulheres, fez a opção de se deixar guiar pela vontade de Deus. Assim, enquanto havia um dito popular que dizia que era melhor jogar pérola aos porcos do que ensinar a Torá às mulheres⁹, Ele fez questão de permitir que Maria se quedasse aos seus pés, posição queque à época só um homem, um discípulo, tinha o direito de ocupar em relação a um mestre. Jesus fez questão de ter mulheres ao seu lado, de levar em conta suas petições, de contar com elas na sua Missão e de ensiná-las a permanecerem junto a Ele quando os dias maus viessem. Elas ficaram com Jesus e Jesus ficou com elas.

Essa relação de Jesus com as mulheres e das mulheres

9 JEREMIAS, J. **Jerusalém nos tempos de Jesus**: Pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 490, nota 128.

com Jesus pode e deve iluminar a maneira como mulheres e homens se relacionam nas igrejas, no trabalho, em casa, enfim, na sociedade. Se na relação de Maria Madalena com Jesus aprendemos formas de lutar contra a opressão, a difamação o medo e a descrença; na relação de Jesus com Maria Madalena aprendemos a não difamar, a não oprimir, a não amedrontar quem está em uma situação política de minoria, de vulnerabilidade. Seja essa pessoa quem for.

Hoje, os noticiários e as estatísticas sobre racismo, homofobia, feminicídios, violências, diferenças salariais, ocupação de cargos nas igrejas, mostram o quão desigual são as relações humanas. O lado que ocupamos nessas relações, a maneira como nos relacionamos com quem é diferente de nós, pode interferir para que o companheirismo tão presente na vida de Jesus e de Maria Madalena seja uma realidade na nossa vida comunitária, na nossa sociedade.

Na etimologia da palavra companheiro está a ideia da 'partilha, de comer do mesmo pão'.

ESSA DEVE SER A IDEIA DE UMA SOCIEDADE, DE UMA FAMÍLIA, DE UMA IGREJA, COMPANHEIRA, QUE COME O MESMO PÃO. NÃO PÃO QUE A INJUSTIÇA E A VIOLÊNCIA AMASSAM, MAS O PÃO CUJOS

INGREDIENTES SÃO PLANTADOS, COLHIDOS E SOVADOS POR TODAS AS PESSOAS E NÃO POR AQUELAS QUE HISTORICAMENTE TÊM O PAPEL DE PREPARÁ-LO E QUASE NUNCA DESFRUTÁ-LO EM CONDIÇÃO DE IGUALDADE COM QUEM COME.

POR FIM

Maria Madalena não estava sozinha em sua trajetória. Ao que tudo indica, ela era uma forte liderança, mas outras mulheres caminhavam com ela. Provavelmente fortaleciam umas às outras, animavam-se, choravam juntas, oravam. Jesus não estava sozinho em sua trajetória, ele tinha mulheres e homens, ele uniu pessoas para caminhar com Ele. Seguir os passos de Jesus é enxergar quem com Ele convivia, comia, se divertia e lutava para a proclamação e construção do Reino de Deus: espaço onde cabe todas as pessoas e, mais especialmente, as pequeninas. Assim devemos ser como igreja. Isso não é fácil, mas em Cristo tudo é possível. Nós devemos cuidar umas das outras, uns dos outros, nos fortalecer, nos proteger, nos ajudar. Isso é agradável ao Senhor e, é em meio à comunhão, ao companheirismo e a união que Deus ordena a bênção para sempre (Salmo 133:3).



IGREJA EVANGÉLICA, PROJETO ALÉM DO NOSSO OLHAR: PARTILHA QUE UNE EVANGELHO E RESPEITO AOS DIREITOS HUMANOS

PRA. KÁTIA EZOITE
PR. JAIRO DOS SANTOS

Pra. Kátia Ezoite é teóloga e pastora da Igreja Evangélica
Projeto Além do Nosso Olhar, Duque de Caxias/RJ.

Pr. Jairo dos Santos é teólogo, pastor da Igreja Evangélica
Projeto Além do Nosso Olhar, Duque de Caxias/RJ.

Para falarmos da Instituição é preciso falar um pouco de nós, seus pastores fundadores. Somos nascidos e criados nesta comunidade, porém, ao casarmos, fomos morar em outra localidade, mas nunca esquecemos nossas raízes nem do pessoal daqui e de todas as dificuldades enfrentadas, pois as conquistas que hoje temos aqui, como energia elétrica, água e asfalto, mesmo com toda precariedade, *não tínhamos em nossa infância*. Esses foram avanços, porém, hoje, os índices de violência nos assustam. Não queremos dizer que em nossa infância não tinha, contudo, *não existia da forma que vemos atualmente*: pessoas armadas trafegando livremente e a venda de drogas indiscriminada. Sem mencionar os frequentes tiroteios, ocorrendo praticamente todos os dias – famílias vivem em constante medo.

Retornamos a este lugar juntamente com nossos filhos, Kesley e Wesley Teixeira. A princípio, cumprindo o *Ide*, assumindo a igreja e, depois, como moradores da comunidade.

Nosso primeiro desafio foi melhorar o lugar onde nos reuníamos, pois o telhado estava prestes a desabar em nossas cabeças. Quando conseguimos o necessário e fomos realizar a obra foi um dia de terror vivido por nós, pois houve uma operação policial como nunca tínhamos visto antes, com helicóptero água e caveirão. O diácono Claudio e eu (Jairo) estávamos na escada, colocando o telhado e não tínhamos como descer, Deus nos livrou de sermos atingidos – foi terrível! O sentimento de medo e, ambigualmente, de fé tomou conta de nós e das irmãs que auxiliavam no

momento. Meu filho junto a um amigo (morador de uma residência que se situava em frente ao templo), entraram no guarda-roupa da casa dele.

ACONTECERAM VÁRIAS MORTES E MUITAS FAMÍLIAS SOFRERAM COM ISSO. TUDO QUE TEM ACONTECIDO AQUI TEM DEIXADO MARCAS FÍSICAS E PSICOLÓGICAS NAS PESSOAS E ATÉ MESMO EM NÓS.

Certo domingo estava no culto, nosso terreno não era cercado e estacionou um carro no quintal, algo me impulsionou a ir lá fora. Ao me aproximar do carro, ouvi uma voz que clamava por socorro, identifiquei-me e a pessoa implorou que eu fizesse algo, pois seria executado. Nessa hora, fui tomado de uma coragem dada pelo salvador Jesus Cristo para resolver a situação e aquele jovem foi liberto da morte. Tantos outros desafios temos enfrentado, algumas vezes não conseguimos evitar, embora esse seja o desejo do nosso coração, que as pessoas tenham uma vida diferente – incutir em suas mentes a necessidade de mudança é uma batalha travada contra a força do mal.

QUANDO COMEÇAM OS TIROTEIOS, EU (KÁTIA) ORO E CHORO COPIOSAMENTE. UNO-ME, EMPATICAMENTE, ÀS OUTRAS MULHERES

QUE SOFREM COM A INTEGRIDADE DE SEUS FILHOS VIOLADA, COM OS TRABALHADORES NO SEU DIREITO DE IR E VIR, COM AS CRIANÇAS QUE TÊM SUA INOCÊNCIA MACULADA E ATÉ MESMO OS ÓBITOS QUE ADVÉM DESTA “GUERRA”.

Não tem sido fácil estar aqui nesta missão, porque não temos muitos recursos, mas tudo que tem vindo às nossas mãos temos feito com muito prazer. Jesus Cristo tem renovado nossas forças, como vemos em Apocalipse 2:8, o exemplo da igreja de Filadélfia. Não queremos ser hipócritas e dizer que não precisamos de recursos financeiros para realizar os projetos. Porém, cremos que necessitamos acima de tudo da capacidade e da sabedoria concedida pelo Pai, Filho e Espírito Santo a sua igreja como corpo de Cristo (1 Coríntios 12:27). A instituição, como pessoa jurídica com CNPJ, é vista junto aos órgãos públicos como empresa, porém sem fins lucrativos; a mesma é mantida pela contribuição voluntária de seus membros (2 Coríntios 9:7). Não estamos aqui para sermos manipulados pelo dinheiro e nem para manipular o povo, como é costume de alguns.

Nosso projeto como igreja local é um pouco diferente do que muitos veem e creem. Porque rompemos com a Teologia da Prosperidade.

ENTENDEMOS QUE DEUS AMA A TODOS E NÃO FAZ ACEPÇÃO DE PESSOAS, SEJA QUAL FOR A SUA RAÇA OU CLASSE SOCIAL. O REINO DE DEUS É DE AMOR, MISERICÓRDIA, PERDÃO, JUSTIÇA, HUMILDADE, VERDADE, PAZ E INCLUSÃO, O QUE TRAZ AO HOMEM ALEGRIA E BÊNÇÃO INCONTÁVEL. ISSO É SER PRÓSPERO.

Não é pelo que oferecemos a Ele e, sim, pelo que Ele nos proporcionou: seu único filho, Jesus Cristo – aquele que crer Nele recebe vida. Presente maravilhoso de Deus para humanidade, através da sua graça temos livre acesso ao seu Reino, que se inicia aqui na Terra e vai à eternidade. Não é pelo que possuímos ou iremos possuir, Jesus deixou bem claro o que devemos buscar – não devemos andar ansiosos (Mateus 6:19-34).

Por isso, entendemos que, como representantes deste Reino, devemos lutar por igualdade: direitos e deveres que todas as pessoas têm. Não tem sido fácil trilhar este caminho, pois a maioria acha que Deus está presente em templos luxuosos e em pregações que induzem o uso da fé para adquirir riquezas materiais, nutrindo um pensamento egocêntrico e esquecendo-se do próximo. Entendemos que o Reino de Deus é:

Reino de amor: “Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna.” (João 3:16). Jesus pregou o amor (Mateus 22:37-40) a Deus e ao próximo e não só aos nossos amigos, devemos amar também aos que nos aborrecem, isto é, aos inimigos (Mateus 5:43-48).

Reino de misericórdia: “Desejo misericórdia, não sacrifícios. Pois eu não vim chamar justos, mas pecadores.” (Mateus 9:13). “Bem-aventurados os misericordiosos, pois obterão misericórdia.” (Mateus 5:7).

Reino de perdão: Enquanto os homens querem condenar, dispor de julgamentos inquisitórios, Ele quer perdoar e salvar (Mateus 18:21-22). Assim como fez com a mulher adúltera (João 8:1-11), a Zaqueu (Lucas 19:1-10), ao ladrão que estava ao seu lado na cruz (Lucas 23:39-43). Ele tem poder para restaurar.

CREMOS QUE UM DEPENDENTE QUÍMICO, UMA PROSTITUTA, UM FRAUDADOR, LADRÃO OU ASSASSINO PODE SER TRANSFORMADO (A), ARREPENDER-SE E TER UMA VIDA DIGNA E JUSTA. INDEPENDENTE DO DELITO PRATICADO, HAVENDO ARREPENDIMENTO, ALCANÇA PERDÃO E MISERICÓRDIA.

O perdão que queremos em nossas vidas deve ser partilhado na vida de outrem (Mateus 6:12) – na parábola do credor

incompassivo também aprendemos este ensinamento (Mateus 18:26-35). Para trazer essas pessoas que se encontram à margem da sociedade a reconhecer e ter uma mudança, também é necessário a realização de trabalhos sociais que promovam sua inclusão (Romanos 4:4-8).

Reino de justiça: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, pois serão satisfeitos.” (Mateus 5:6). “Assim, em tudo, façam aos outros o que vocês querem que eles lhes façam; pois esta é a Lei e os Profetas.” (Mateus 7:12). “Pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente por sua graça, por meio da redenção que há em Cristo Jesus.” (Romanos 3:23-24).

Reino de humildade: “Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.” (Mateus 11:29-30). Ao ensinar a seus discípulos que deveriam ser como crianças, Jesus ratifica a importância da humildade em seu Reino – é o maior no Reino dos céus (Mateus 18:4). Ele deu o exemplo quando lavou os pés dos discípulos (João 13:4-17). O discípulo amado, João, deu testemunho dele dizendo que: “é necessário que Ele cresça e que eu diminua” (João 3:30).

Reino de verdade: “E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará.” (João 8:32). “Respondeu Jesus: ‘Eu sou o caminho a verdade e a vida.’” (João 14.6). O homem só pode ser livre mediante o conhecimento da verdade. O mundo anda em

trevas e só a luz pode fazer a diferença. Essa luz é o conhecimento, porque sem o mesmo, o povo parece (Oseias 4:6). Ser sábio é melhor do que ser forte, o conhecimento é mais importante que a força (Provérbios 24:5). Conhecer Jesus, andar por Seus caminhos, é ter a luz e a verdade. Por isso, o nosso lema é: crescendo na graça e no conhecimento de Cristo Jesus (2 Pedro 3:18).

Reino de paz: “Bem-aventurados os pacificadores, pois serão chamados filhos de Deus.” (Mateus 5:9). Como sabemos, nossa sociedade vive em meio à violência, guerras e ódio. Infelizmente, nossa comunidade de fé não está isenta da influência dessa atmosfera belicosa. Acreditamos que, mesmo em meio ao caos, Deus nos quer como pacificadores, trazendo ao conhecimento que Cristo é a nossa paz. (Efésios 2:14-22).

A PAZ TEM SIDO A NOSSA BUSCA CONSTANTE, PORQUE ENTENDEMOS QUE CRISTO DERRIBOU A PAREDE DE SEPARAÇÃO QUE EXISTE ENTRE OS HOMENS – PARA ELE E PARA OS QUE O SEGUEM NÃO PODE HAVER DISCRIMINAÇÃO, PRECONCEITOS E INIMIZADE.

Ele é Deus “de longe e de perto”, de todas as classes sociais, de todas as raças, tribos e nações. Pela cruz, Ele nos reconciliou, constituindo-nos família de Deus. Como Ele mesmo declarou: todos aqueles que fazem a vontade do Pai são membros de sua família (Mateus 12:47-50).

Temos realizado aqui, na família IPANO (Igreja Projeto Além do Nosso Olhar), trabalhos com as mulheres abordando assuntos de violência contra a mulher, sobre as mulheres negras e todo o preconceito enfrentado pelas mesmas, saúde da mulher, abusos sexuais etc. Temos ouvido depoimentos, conversado e debatido à luz da Bíblia, mostrando que o plano de Deus para elas não é de exclusão, mas, sim, de inclusão. Os exemplos de Raabe, a prostituta cujo relato está no livro de Josué (6:25); Rute, a moabita – povo que tinha sua participação na assembleias dos santos vetada (Deuteronômio 23:3). Sua história está pormenorizada no livro que leva seu nome, onde contemplamos a bela história do “resgate” de Rute (Rute 4:9-14). As personagens supracitadas são incluídas na genealogia de Jesus Cristo (Mateus 1:5) – uma clara demonstração que Deus não faz acepção de pessoas.

Outro exemplo que utilizamos em nossos estudos é o da Mulher Samaritana (João 4:7-10,39). Cristo, ao se comunicar com esta mulher, quebra paradigmas e mostra que o ser humano deve prevalecer sobre toda e qualquer instituição legalista – os judeus não falavam com os samaritanos. A perspectiva de Jesus é o acolhimento.

Estamos plantando a semente da paz, do amor e da união no coração de nossas crianças através da ministração de temas concernentes à sua realidade e faixa etária – enfatizando a importância da sementeira, aquilo que plantamos hoje, colheremos amanhã (Mateus 7:17-18; Gálatas 5:19-22). Após as aulas, fomos entrevistá-las para saber se tinham

compreendido o ensinamento – fruto bom e fruto ruim. Uma criança de cinco anos respondeu que o fruto ruim para ela era Polícia e ladrão. Perguntamos o porquê da sua resposta, ela disse: “porque matam”. Realmente o mandamento do nosso Deus é não matarás. Outro tema que passamos a nossas crianças, adolescentes e jovens foi sobre a redução da idade penal. Entendemos que para haver mudança

É PRECISO INVESTIR EM EDUCAÇÃO, ESPORTE, PROJETOS SOCIAIS PARA QUE OS MESMOS TENHAM OPORTUNIDADES E NÃO ENTREM PARA O CAMINHO DA CRIMINALIDADE. REDUÇÃO NÃO É A SOLUÇÃO. JÁ EXISTEM MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS PARA OS MESMOS. NÃO QUESTIONAMOS QUE MUITAS COISAS PRECISAM SER REVISTAS, PORÉM, ENCARCERAR NOSSOS JOVENS NÃO É UMA CONDIÇÃO VIÁVEL.

Os maiores de 18 anos que vão para a cadeia, muitas das vezes, saem pior do que entraram. Concordaríamos em inserir adolescentes nesse regime? Vamos investir, sim, em palestras, vamos abordar temas para que eles se tornem cidadãos autônomos e proativos, na família, na escola, na igreja e em todos os lugares em que estiverem inseridos: “Instrua a criança segundo os objetivos que você tem para ela, e mesmo com o passar dos anos não se desviará deles.” (Provérbios 22:6); “Depois trouxeram crianças a Jesus, para que lhes impusesse as mãos e orasse por elas. Mas os discípulos os

repreendiam. Então disse Jesus: ‘Deixem vir a mim as crianças e não as impeçam; pois o Reino dos céus pertence aos que são semelhantes a elas.’” (Mateus 19:13-14). O ensino pode mudar o presente e o futuro dos pequeninos.

Contudo, percebemos que não é somente a alegação de que adolescentes cometem delitos o “combustível” para esta causa. Desde outrora o Estado quer por em prática essa cultura de extermínio: Faraó teve esta prática no Egito (Êxodo 1:15-22) e também Herodes em Belém (Mateus 2:13-18).

Temos um grupo chamado “Ato da Paz”, no qual jovens da nossa igreja convidam outros líderes religiosos para compartilharmos ensinamentos e atitudes que promovam a paz. Já realizamos alguns eventos e encontros, abordando temas como, por exemplo, intolerância religiosa.

NÃO PODEMOS FAZER CORO COM MÁIS ATITUDES QUE COOPEREM PARA AGRESSÃO, DESTRUIÇÃO OU DIRECIONEM OFENSAS A OUTRO POR NÃO PROFESSAREM A MESMA RELIGIÃO, A MESMA DENOMINAÇÃO, O MESMO COSTUME, A MESMA DOCTRINA; É PRECISO TER RESPEITO UM PELO OUTRO.

Temos contado com alguns pastores de denominações diferentes, padres e diáconos católicos, o que tem abençoado infinitamente nossa comunidade de fé. Porém algumas barreiras ainda não foram “derrubadas”. Ansiamos, ardentemente,

que outros líderes (de religiões distintas) confirmem nosso convite e, em breve, possam atuar conosco na construção de uma sociedade mais justa, diversa e acolhedora – cremos que isso é seguir a doutrina de Jesus Cristo. Porque, como diz em Tiago 1:27, “A religião que Deus, o nosso Pai aceita como pura e imaculada é esta: cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades e não se deixar corromper pelo mundo.”. Jesus, no evangelho de Mateus, também nos dá a diretriz de como proceder aqui neste mundo: “Pois eu tive fome, e vocês me deram de comer; tive sede, e vocês me deram de beber; fui estrangeiro, e vocês me acolheram; necessitei de roupas, e vocês me vestiram; estive enfermo, e vocês cuidaram de mim; estive preso, e vocês me visitaram.” (Mateus 25:35-36). Quando agimos assim, acolhendo a nosso próximo em suas necessidades, somos verdadeiros discípulos, adoradores que o adoram em espírito e em verdade (João 4:24).

Findamos nosso texto, deixando um trecho da oração de São Francisco, que temos colocado como emblema em nossos corações: “Aonde houver guerra que levemos a paz, aonde houver ódio que levemos o amor”.





JESUS: EXEMPLO DE RESISTÊNCIA E ESPERANÇA PARA PROMOÇÃO DE DIREITOS E VIDA DO POVO NEGRO

ANDRÉ GUIMARÃES

André Guimarães é educador popular, historiador e seminarista. Ativista em movimentos da Teologia Negra no Brasil. Membro da Igreja Metodista do Brasil, RJ.

Os evangelhos nos trazem a dimensão radical e profunda da vontade de Deus. Os quatro evangelhos, escritos em tempos diferentes para comunidades distintas, nos atingem ainda hoje por retratar os desafios de Jesus de Nazaré numa sociedade mergulhada em tensões e disputas de poder. Uma sociedade massacrada pela ocupação romana, que teve o apoio dos religiosos para manutenção das relações de exclusão e violência. O que Jesus tem a nos dizer hoje? O que um homem, morador do território da Palestina, pode nos apresentar para superarmos as relações raciais tão adoecidas no Brasil? Diante desta indagação, tentaremos com muita alegria apresentar ações de Jesus de Nazaré que podem nos auxiliar diante da superação do racismo e na promoção da vida e da negritude.

O primeiro aspecto que destacarei é a radical humanidade de Jesus expressa no evangelho de João – que nos apresenta um Jesus de Nazaré totalmente humano e exposto a todos os desafios de sua época, sujeito aos dramas e complexidades de seu tempo.

NÃO É POSSÍVEL MAIS SILENCIARMOS DIANTE DE REPRESENTAÇÕES DE UM CRISTO DISTANTE DOS DESAFIOS DA COMUNIDADE NEGRA NO BRASIL. JESUS ASSUME TODAS AS LUTAS E RESISTÊNCIAS DO POVO PRETO, UMA VEZ QUE É A EXPRESSÃO DE JUSTIÇA E DE NOVA HUMANIDADE.

TEMOS HISTÓRIA, RAÍZES E ESPERANÇA

Entendemos como um desafio para o povo preto afirmar sua identidade, juntamente com a tarefa de resgatar suas raízes. O livro de Mateus 1:1-17 apresenta a genealogia de Jesus. Para nós, povo preto, isso tem uma grande potência. Sabemos que não existem documentações capazes de nos responder com clareza sobre a árvore genealógica de Jesus. Essa ausência não pode ser recebida de forma definitiva. Podemos com isso acolher nossa história a partir de grandes referenciais de resistência que prestaram uma grande colaboração para o fortalecimento do povo preto neste país e no mundo. Localizamos também na genealogia de Jesus não um detalhamento “exato”, mas aproximações de figuras que lutaram de alguma forma e/ou marcaram fortemente seu povo com atitudes de liberdade e ações de resistência e esperança. Quando sabemos de quem temos aproximação como povo, torna-se mais eficaz a luta para combater o pecado do racismo em nosso meio. Porque quando trazemos para nossa árvore genealógica pessoas que resistiram com testemunhos de luta, nós, como povo preto e cristão, temos a oportunidade de reinventar nossa trajetória e militância – e, por conseguinte, rechaçar os relatos sobre nós como um povo fraco ou sem memória. Ao assumir homens e mulheres de luta e ação, verbalizamos que temos aproximação e que nos dispomos a dar continuidade ao combate ao racismo e às suas consequências, não apenas para o povo preto,

mas também para toda a nação que sofre com a existência e persistência desse pecado.

Um aspecto importante para nós, como povo de Deus, é o entendimento de que a vida do povo preto é marcada por múltiplos desafios que passam por todas as etapas da vida. Neste momento, gostaria de pensar junto com você o nascimento de Jesus relatado no livro de Mateus 2:13-23, com a apresentação de um governo que se sentiu ameaçado diante do menino nazareno. Esse governo organiza um elaborado plano para matar Jesus, que contará com a estrutura do Estado, para eliminar uma possível ameaça.

QUANDO OLHAMOS PARA AS COMUNIDADES EMPOBRECIDAS ATUAIS, PODEMOS LOCALIZAR, TAMBÉM, TODA A ENGENHARIA DO ESTADO MATERIALIZADO ATRAVÉS DE PRÁTICAS DE VIOLÊNCIA - CAMUFLADAS DE POLÍTICAS DE SEGURANÇA PÚBLICA QUE TEM DIZIMADO BRUTALMENTE NOSSO POVO PRETO, MORADOR DE TERRITÓRIOS CRIMINALIZADOS.

O texto bíblico nos apresenta um relato de migração impulsionada pela violência. A vida de Jesus, neste cenário,

nos ajuda a entender que temos a “máquina” do Estado direcionada para prejudicar os mais vulneráveis – com o Jesus de Nazaré não foi diferente.

Nesta narrativa, fica evidente que o Estado exerce com truculência o desejo de controle de sua população. Não respeitando o direito de nascer dos empobrecidos, impondo sempre o desejo de controle sobre os corpos. A família de Jesus torna-se uma fugitiva e, com isso, todo o cotidiano de seus pais é alterado bruscamente. Hoje, temos milhares de famílias pretas e empobrecidas que são obrigadas a mudar suas trajetórias de vida, em virtude das guerras nas comunidades, em que pais são obrigados a sair de suas casas e buscar um lugar seguro para seus filhos, uma vez que essas localidades sofrem com a guerra do Estado contra o mercado de varejo de drogas. A política de segurança pública criminaliza pessoas e territórios, tendo a população preta como uma das mais afetadas.

JESUS É CONTRA O GENOCÍDIO DO POVO NEGRO

Nestes últimos dias, temos visto uma perversa tentativa de usar textos bíblicos para legitimar absurdos. As pessoas, principalmente os líderes religiosos, não possuem mais poder de fazer do texto bíblico subsídio para discursos de ódio e violências. Querem a todo custo, tirando Jesus do seu eixo profético do anúncio do Reino de Deus e promoção da

vida, justificativas para práticas cúmplices dos esquemas que promovem a morte.

A SEDE DE PODER, DE UM SEGMENTO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS, NÃO MEDIRÁ ESFORÇOS PARA CAPTURAR NARRATIVAS QUE CONTROLEM OS CORPOS DE SEUS FIÉIS, MANTENDO-OS DEPENDENTES DE UMA FALSA ESPIRITUALIDADE QUE NÃO É CAPAZ DE DIALOGAR E INTERAGIR COM OS DESAFIOS CONCRETOS DA VIDA COTIDIANA.

Para alguns líderes religiosos, o uso das narrativas bíblicas tem como objetivo silenciar vozes dissonantes e garantir o monopólio das interpretações que não mudam situações de alienação. Esse desejo de poder tenta circunscrever novos sopros de percepção de outras interpretações capazes de animar para a vida. De igual forma, lembramos que, no período de Jesus, também existiam disputas em torno da interpretação dos textos sagrados e aplicação dos desafios apresentados pela Lei. Interessante que, no relato de Lucas no capítulo 10 no verso 26, Jesus é questionado pelo Doutor da Lei (estudioso judeu responsável pela leitura dos livros de Moisés) sobre os critérios da mesma para a obtenção da vida eterna. Jesus, imediatamente, pergunta ao Doutor da Lei o que está escrito na Lei e como ele lê o que estava escrito.

Rapidamente, o estudioso da Lei responde – de forma técnica e com precisão – a Jesus com um mandamento. O Nazareno é mais uma vez desafiado a responder quem seria o próximo para o Doutor da Lei. Cristo, a partir da parábola, começa a elaborar com o Doutor da Lei outros caminhos de conexão para aplicação deste mandamento 'amar o próximo'. O Mestre escandaliza com sua interpretação a realidade de sua época, pois trouxe para o centro da ação um segmento outrora desprezado por aquela sociedade e que tinha o sentimento de ódio alimentado pelos religiosos da época.

A interpretação do Doutor da Lei não tinha a capacidade de compreender e abraçar os que não faziam parte de sua “zona de conforto”. Jesus, um educador popular, que tinha as ruas como local de aproximação e acolhida ao diferente, não teve problemas para acolher o samaritano e transformá-lo em elemento central da prática de sua ação. Ele, com sua didática, desconstrói as categorias de segurança do estudioso judeu que, desta vez, teve que ampliar seu olhar e perceber que Deus tinha o interesse que as pessoas se encontrassem e vivessem com abertura para inclusão. Hoje, os líderes ainda possuem extrema dificuldade em acolher os mais excluídos da sociedade.

PARA OS AFRODESCENDENTES DO BRASIL, FAZEM-SE NECESSÁRIAS NOVAS LEITURAS QUE SE CONECTEM AOS DESAFIOS DOS PRETOS E DAS PRETAS. ISSO INCLUI COMBATER PRÁTICAS RACISTAS QUE SE INSTALAM NA

TRADIÇÃO E NO COTIDIANO DA IGREJA (E DA SOCIEDADE TAMBÉM), PROBLEMATIZANDO TODA FORMA DE LEITURA QUE LEGITIME A NATURALIDADE DE SUBALTERNIZAÇÕES DOS CORPOS PRETOS E SEUS DRAMAS.

Cabe também lembrar que a igreja brasileira possui uma grande responsabilidade diante de tudo que acontece ao povo preto, pois a mesma não tem a capacidade de se posicionar criticamente frente ao Estado. Infelizmente, a igreja perde em tentar se alinhar ao Estado em busca de poder.

Nossa leitura da Bíblia não poder ser neutra diante dessa situação de racismo que aflige milhares de pessoas no Brasil. A igreja e o povo de Deus precisam se envolver e se engajar na construção e no monitoramento de ações que superem essas relações discriminatórias. Essas atitudes promovem as desigualdades sociais e econômicas no Brasil e vão contra a missão de Jesus de promoção do Reino de Deus. Seria Jesus imparcial aos desafios vividos pelas pessoas empobrecidas e negras de hoje? Parafraseamos a pergunta feita no Evangelho de João 1:46a: pode vir alguma coisa boa do povo preto?

A igreja brasileira tem em seu DNA uma forte aliança com as mentalidades escravocratas do Sul dos Estados Unidos. E, com isso, toda sua liturgia e memória teológica cooperam para a manutenção de pensamentos racistas que, ainda hoje, ocupam espaços na hermenêutica, exegese e na

própria identidade das igrejas neste país. Não foi por acaso que tantas literaturas teológicas, que afirmam a negritude como elemento do Reino não chegaram até nós – citamos, por exemplo, o desconhecimento de livros da autoria de/ sobre Martin Luther King e James Cone no Brasil. Sem mencionar que não temos quase nada de Teologia Africana nas estantes das bibliotecas dos Centros Teológicos de formação no Brasil. Esse quadro precisa mudar, mas, para isso, produções e cooperação com os movimentos sociais negros são imprescindíveis. Esses movimentos possuem uma liberdade crítica que consegue ultrapassar os limites de nosso olhar religioso, muitas vezes, estagnados em um olhar branco europeizado.

**O SILÊNCIO É BRUTAL AO SOBREPULAR
UMA CULTURA EM DETRIMENTO DA OUTRA.
UM EXEMPLO CLÁSSICO DISSO SÃO AS
REPRESENTAÇÕES DE JESUS OU OUTRAS
PERSONAGENS BÍBLICAS NAS NOVELAS.
NÃO SE ADMITE A CONDIÇÃO DE SUAS
PELES SEREM PRETAS, O RACISMO NÃO
CONSEGUE CONCEBER A POSSIBILIDADE
DE PRETOS E PRETAS COMO PROTAGONISTAS
DO CENÁRIO BÍBLICO.**

Os cristãos no Brasil não experimentam um processo de arrependimento e, ainda, insistem em viver a partir dos benefícios construídos a partir do processo escravista no Brasil. Quando fechamos os olhos e refletimos sobre as pessoas que estão em situação de abandono e sofrimento, não nos faltam imagens de pessoas pretas para constatarmos que o Brasil é um país injustamente racista e que está longe da reparação ao povo preto deste país. Jesus diz, no Evangelho Segundo João (10:10), que ele veio para promoção de vida abundante. A população negra no Brasil é a que mais morre nos espaços de saúde pública, o chamado 'racismo institucional' tem sido a causa das mortes. Quando olhamos para os jovens que morrem assassinados, em maioria, por armas de fogo, não conseguimos ver vida em abundância, mas, sim, a vitória do salteador que veio para roubar, matar e destruir. Infelizmente, subtraem a dignidade da juventude negra quando, por responsabilidade do racismo, ela não consegue acessar – com qualidade – a cultura, a educação e não são alcançados por nossas comunidades de fé. Muitas de nossas igrejas estão fechadas durante a semana e não se colocam à disposição para fortalecer e encorajar jovens negros na superação do pecado do racismo. Com tristeza, identificamos que o salteador tem matado a nossa juventude negra através da violência organizada pela agenda de segurança pública que criminaliza nosso povo.

OS ÍNDICES SOBRE HOMICÍDIOS DA POPULAÇÃO NEGRA SÃO TÃO GRANDES QUE, HOJE, É POSSÍVEL FALAR EM GENOCÍDIO DA JUVENTUDE NEGRA, PELO ALTO GRAU DE SOFISTICAÇÃO NA ELIMINAÇÃO DOS CORPOS. O SALTEADOR DESTRÓI A ESPERANÇA DA POPULAÇÃO NEGRA QUANDO AS POLÍTICAS PÚBLICAS SÃO NEGADAS OU NEGLIGENCIADAS.

REPARAÇÃO COMO TAREFA TEOLÓGICA PARA PROMOÇÃO DE DIREITOS

Em Lucas 19:1-10 nos deparamos com um lindo relato de conversão, um modelo muito importante, pois sinaliza a salvação de uma forma pouco comentada na tradição de uma leitura evangélica por justiça. Quando nos encontramos com a história de Zaqueu, percebemos que era um homem que construiu riquezas, mas seu coração queria encontrar Jesus. Ao achar Jesus, ele teve a oportunidade de se arrepender e rever com beleza seu caminho. Ao aceitar o desafio de Jesus, ele tomou consciência de que havia roubado e,

com isso, devolveu todas as riquezas adquiridas desonestamente. Hoje, os cristãos do Brasil são herdeiros de uma sociedade escravista que enriqueceu a partir do trabalho não remunerado e acumulou valores. Os brancos no Brasil não conseguem abrir mão de seus privilégios estruturais e não reconhecem que seus patrimônios são resultantes de um sistema que continua usurpando e silenciando seus irmãos e irmãs de pele preta. Eles mostram-se incapazes de se converter, nos moldes de Zaqueu, mas permanecem com os seus corações endurecidos semelhantes ao jovem rico que preferiu agarrar-se à tradição religiosa a abrir mão da ilusão da falsa caridade. Agindo assim, desprezou a oportunidade de se aprofundar nas obras de misericórdia e fazer o bem.

É MISSÃO DE TODOS E TODAS QUE DESEJAM UM MUNDO MELHOR LUTAR POR REPARAÇÕES PARA OS AFRODESCENDENTES DESTE PAÍS, PARA QUE, ASSIM COMO ZAQUEU, NÓS TENHAMOS CONDIÇÕES DE OUVIR DE JESUS: “HOVE SALVAÇÃO NESTE LUGAR”.





O REINO DE DEUS É JUSTIÇA, PAZ E ALEGRIA: COMO O EVANGELHO DE JESUS INSPIRA SEGURANÇA?

GÉSSICA DIAS

Géssica Dias é assistente social, pós-graduada em Política.
Colaboradora do Instituto Solidare, membro da Igreja Batista
em Coqueiral, Recife/PE.

Vive-se no Brasil atualmente um clima de múltiplas violências, que nem sempre são noticiadas nos jornais ou na televisão, mas que parecem estar entranhadas nas palavras diluídas no ar, impregnadas nas paredes, até mesmo dos templos onde se prega o amor. Estas violências se traduzem nas palavras de condenação, na intolerância com o diferente, na quase caça aos pecados alheios, na tentativa de “santificar”, igualando pessoas num país tão diversificado, pondo armas em suas mãos ao som de jargões que afirmam “O Brasil acima de tudo, Deus acima de todos!”.

Esta sistemática atende a uma estrutura que de tão bem articulada, não parece intencional, mas busca construir uma sensação de medo instalada na população, que por sua vez caminha na direção de procurar discursos que tragam respostas imediatas às demandas construídas por esta lógica. De modo que a divergência de pensamento ou atitude, na maioria das vezes, se configure como ameaça ou desconstrução de uma tradição pré-estabelecida, baseada em valores socialmente produzidos para determinados seguimentos da população, colocando o (a) diferente na posição de adversário (a).

DE FATO, ESTE CENÁRIO QUE ORA SE APRESENTA, NÃO COMBINA COM A CAMINHADA E COM A POSTURA DO DEUS QUE ENCARNOU E VIVENCIOU OS DRAMAS DA HUMANIDADE, AO PONTO DE TER SIDO PRESO SOB TORTURA, ACUSADO DE CRIMES SEM FUNDAMENTO

E CONDENADO A UMA MORTE QUE ATENDIA AOS INTERESSES DE QUEM SE INCOMODAVA COM SEU MODO DE FALAR SOBRE O REINO DE DEUS,

o qual tem como principais marcadores a justiça, a paz e alegria, que o apóstolo Paulo viria a enunciar na Carta aos Romanos 14:17, anos depois.

As características que seguiam a Jesus de Nazaré desde o seu nascimento talvez sejam as que combinam com a existência e resistência de milhões de pessoas periféricas e marginalizadas pelo Brasil adentro. Estas pessoas sofrem com a implantação desta cultura do medo, que apavora até uma simples saída da escola, na qual pode terminar com uma mancha de sangue no fardamento, originada por um tiro recebido de uma arma de grosso calibre por parte de quem tem por finalidade proteger a nação; até as violências simbólicas, físicas, patrimoniais e tantas outras sofridas por mulheres através de seus companheiros, que muitas vezes encontram-se legitimados pela fala de um “líder” espiritual que se colocou nesse lugar de autoridade instituída por deus.

Não há como encarar cada situação desta de maneira isolada, como se fosse fruto de momentos ocasionais. Pois, quando se inclina o olhar para as raízes geradoras desses problemas, dá para perceber alguns indicadores que impulsionam sua existência, e que fazem com que sejam identificados, pois estão no dia a dia das pessoas, em cada pele já tão expropriada de sua dignidade. Pobreza, violência,

abandono, dominação, concentração de riquezas são diferentes faces de um mesmo corpo violado.

Porém, é na contramão dessa via que Jesus de Nazaré lança as bases do seu Reino, sendo possível compreendermos como este Reino se assemelha a uma Usina de Valores, produzindo segurança, e tendo por principal paradigma desta Usina, a justiça. Desta forma, quero convidar você a vir fazer uma leitura de textos onde Jesus abordou questões de segurança, a partir de demandas que incidem diretamente na condição de vida das pessoas.

A Bíblia se encarregará de nos mostrar, através da fala de Jesus, abordagens que talvez não nos tivéssemos dado conta, mas que abarcam o tema da segurança de modo peculiar, ao mesmo tempo em que se torna contundente ao dimensionar para onde aponta a lógica deste Reino, que também é de paz. Portanto, o livro de Mateus capítulo 25, versículos de 31 a 40 será o que nos abrirá essa porta. Dele, extrairemos elementos clássicos e desafiadores para nossos dias.

ERA FORASTEIRO E ME ACOLHESTES (MATEUS 25:35B)

O primeiro ponto que podemos analisar é a parte b do versículo 35: “era forasteiro e me acolhestes...”. Nesta fala de Jesus, está contida a preocupação pelo alto grau de

vulnerabilidade de todo (a) aquele (a) que se encontrava na condição de desabrigado (a) ou expatriado (a), sujeito (a) a toda sorte de rejeição por não estar no chão em que foi originado (a). Ou seja, Jesus incidia em problemas que iam para além de sua linhagem, pois seu ministério rompia barreiras territoriais, culturais e políticas.

Nesta perspectiva e, já trazendo para nossa realidade há que se voltar o olhar para essa mesma condição de desproteção vivida por aqui, quando cerca de 33.865 solicitações de pedidos de refúgio foram registradas nos postos da Polícia Federal, no Brasil, de acordo com dados do Ministério da Justiça¹. Porém, mesmo sendo o Brasil um país com dimensões continentais, há pouca tolerância para os que se aventuram buscar guarida nessas terras de povo tido como acolhedor.

Mas, o que fazer então com o acolhimento dito por Jesus aos que se encontram como forasteiros (as)? Sendo esta uma ação direcionada também a Ele?

NÃO SE TRATA AQUI DE SE DEBRUÇAR SOBRE CONDIÇÕES ECONÔMICAS GLOBAIS, AS QUAIS INCIDEM DIRETAMENTE NESSE FENÔMENO IMIGRATÓRIO. O DESTAQUE VAI PARA CONDIÇÃO IMEDIATA DE DESPROTEÇÃO E, CONSEQUENTEMENTE, DE INSEGURANÇA VIVIDA POR

1 <https://g1.globo.com/mundo/noticia/brasil-registra-numero-recorde-de-solicitacoes-de-refugio-em-2017.ghtml>. Acesso em: 02 out. 2018.

ESSAS MILHARES DE PESSOAS QUE NÃO VIRAM O ACOLHIMENTO PREGADO POR JESUS NO PAÍS ONDE A POPULAÇÃO EVANGÉLICA É A QUE MAIS CRESCE.

ESTIVE NU E ME VESTISTES (MATEUS 25:36A)

Nesta abordagem nos é apresentada mais uma face do que podemos pontuar por insegurança. Aqui, consideremos a desproteção, o abandono, o descaso com o direito básico das pessoas, que acabam por ficar expostas a múltiplos perigos e danos.

Desse modo, quando Jesus aborda o estar nu, quase que inevitavelmente passaríamos a achar que apenas se tratasse da ausência de roupas, que pudesse proteger seu corpo dos efeitos temporais a que estivesse submetido. Porém, essa nudez acaba por simbolizar uma ausência que caracteriza faltas ainda mais estruturais, as quais demandavam proteção e abrigo.

Diante disso, e já trazendo para nossa realidade, um olhar mais cuidadoso nos mostra que, para um cenário brasileiro, onde contamos com um número cada vez maior de pessoas sem um teto, o estar nu quer dizer estar desprotegido, desamparado e vulnerável a toda sorte de dor. De modo que a segurança destes sujeitos se encontra duramente desmantelada.

Para exemplificar, o Brasil conta com uma população cada vez maior de pessoas em situação de rua, que vivem invisibilizadas pela mídia e por nossos olhares de indiferença. Dados do IPEA² apontam mais de 101 mil pessoas no ano de 2015 sobrevivendo nestas condições. Cresce assustadoramente também a densidade populacional nas comunidades carentes, as quais são o lugar de abrigo para aqueles que não tem o direito à cidade.

Quando vemos o Senhor dizer que foi vestido quando estava nu, podemos ler que Ele retratava, em sua fala, o que viria posteriormente a ser vivido na igreja primitiva, quando na comunidade não haveria nada que fosse unicamente de alguém, mas tudo seria vendido e repartido entre todos, de forma que ninguém tivesse nenhuma necessidade (Atos 2:42-7).

Mas, como contextualizar isto para a realidade do Brasil? Como incidir nessa insegurança que assola o povo? Ideal seria que conseguíssemos produzir tal desapego, confiante na provisão do mestre e, desta forma, pudéssemos reunir tudo que temos em nossas pequenas e megagregas, em nossos humildes e ricos irmãos, de modo que todos e todas pudessem viver em plenitude de vida, conforme a própria fala de Jesus. Certamente ninguém teria necessidades.

2 http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=29303. Acesso em: 30 set. 2018.

MAS, PARA ISSO, É PRECISO ROMPER COM LÓGICAS DE ACÚMULO, QUE JÁ ESTÃO TÃO DISSEMINADAS E ENCRUSTADAS, ATÉ MESMO DENTRO DAS IGREJAS, “AZEITADAS” POR NARRATIVAS DE PROSPERIDADE QUE INDIVIDUALIZAM A PROPOSTA DO EVANGELHO,

gerando insegurança na nudez dos nossos irmãos e irmãs que não estão inclusos dentro desse projeto de fé. Ou seja, é preciso seguir o caminho que corra em direção ao que o Senhor nos orienta em favor de vestir o nu.

ESTIVE PRESO E FOSTES ME VISITAR (MATEUS 25:36c)

Podemos, no momento em que nos colocamos a refletir sobre esta fala do mestre, pensar que Deus, enquanto criador dos céus e da Terra, tenha poder para derrubar cadeias, arrebentar correntes, ou mesmo fazer seus servos saírem despercebidos de uma prisão, conforme pode ser visto em passagens do texto sagrado em favor de seus discípulos. Como exemplo disto, temos a situação de Paulo e Silas que cantavam louvores a Deus e a cadeia estremeceu (Atos 16).

Mas, para além destes casos, este mesmo Deus encarnado em Jesus, traz outro ponto de reflexão aqui. Em suas palavras, pode ser sentido que a segurança não é conferida apenas a quem esteja em pleno gozo de sua liberdade – não somente.

Ela precisa alcançar até mesmo aqueles que, com o vigor da lei, precisam ficar em estado de prisão, para que seja cumprida a justiça em favor de todo ato que viole a vida em sociedade.

Com essa compreensão, já podemos olhar de forma mais qualificada alguns significados que essa fala de Jesus implica para os dias atuais. Pois,

QUANDO SE PENSA EM POPULAÇÃO CARCERÁRIA, A PARTIR DA REALIDADE BRASILEIRA, UM SENTIMENTO DE ELIMINAÇÃO AUTOMATICAMENTE É GERADO, ONDE A DESUMANIZAÇÃO DESSAS PESSOAS ACABA SENDO UMA DAS PRINCIPAIS JUSTIFICATIVAS PARA AS MAIS PERVERSAS FORMAS DE TRATAMENTO GERADAS NAS MENTES DOS QUE ESTÃO FORA DOS MUROS DA PRISÃO.

É como se a segurança fosse credencial exclusiva dos que não estão sob essa condição.

Contudo, uma voz ecoa fortemente a nos lembrar “[...] estive preso e fostes me visitar”. Passaria, de acordo com a lógica de Jesus, essas pessoas a terem algum tipo de pertencimento à sociedade? Por que Jesus não deixaria essa população passar despercebida em suas abordagens? Talvez Ele queira nos mostrar que nossa compreensão inquisidora fale mais de nós mesmos, do que sobre os que se encontram encarcerados.

Trilhando esse caminho, vale destacar que um país que se mantém como terceiro maior do mundo em população carcerária, com cerca de 726 mil detentos e detentas até o ano de 2016³, encara o estar preso/a como estatística de um ranking nacional, ao mesmo tempo em que não distingue quem são essas pessoas e de onde elas surgem.

Quando a provocação feita por Jesus nos tornou sensíveis a procurar saber até que ponto essas pessoas também possuem a dignidade de viver em segurança? Talvez essa pergunta nos incomode um pouco, pelo fato de já termos nos acostumado a encarar essa realidade de outra forma.

A facilidade de simplesmente aniquilarmos essas pessoas talvez não tenha gerado em nós um mínimo de empatia que pudesse nos levar à reflexão. Porém, por entender a segurança como um elemento presente na fala de Jesus, quando afirma que esteve preso e foi visitado, há que trazê-la também para essa realidade onde a maior parte da população que vive nesta condição tem cor e classe social.

3 Dados publicados pela Empresa Brasileira de Comunicação (EBC) em dezembro de 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2017-12/populacao-carceraria-do-brasil-sobe-de-622202-para-726712-pessoas>>. Acesso em: set. 2018.

DESTA FORMA, A SEGURANÇA TANTO PODE ESTAR EM AÇÕES PREVENTIVAS DA IGREJA, A PARTIR DE SUAS COMUNIDADES, OU MESMO SENDO VOZ PROFÉTICA QUE DENUNCIA AS ARBITRARIEDADES NAS VIOLAÇÕES AOS QUE, HOJE, ESTÃO PRESOS E SÃO DESASSISTIDOS DA SEGURANÇA COMO UM BEM INERENTE A SUA PRÓPRIA CONDIÇÃO DE PESSOA HUMANA.

A SEGURANÇA É UM BEM COMUM A TODAS E TODOS

Nas abordagens feitas a partir das narrativas acima, pudemos compreender a segurança como elemento comum a todas e todos, independente da condição em que a pessoa esteja submetida. Não há condicionalidades para se ter ou não segurança. Ela simplesmente está posta para todos/as. A novidade está, portanto, na forma como a encaramos e a materializamos em nosso meio, e para além dele.

Talvez as igrejas ainda não tenham se dado conta de seu papel influenciador para a promoção da segurança nos territórios em que estejam inseridas. Pois, em virtude de sua intensa capilaridade, nos mais diversificados locais e contextos, acaba por lhe conferir poderes que até mesmo outras instituições não teriam com a mesma facilidade.

CABE AQUI ENTÃO DIZER QUE JESUS CONVIDA TODO (A) AQUELE (A) QUE ENTENDEU A PROPOSTA DO EVANGELHO, PARA QUE ROMPA COM AS ESTRUTURAS QUE GERAM INSEGURANÇA, SENDO ELAS SIMBÓLICAS OU CONCRETAS, RELIGIOSAS OU TEMPORAIS, NÃO HAVENDO DISTINÇÃO DE SUA NATUREZA. POIS, NÃO HÁ COMO FALAR DA PLENITUDE DE VIDA TRAZIDA POR JESUS SE NEGLIGENCIARMOS AÇÕES QUE REPRODUZAM INSEGURANÇA PARA O POVO. SE ASSIM O FOSSE, O EVANGELHO SERIA FALACIOSO.

Portanto, que a partir de agora então o que conhecemos por segurança seja ressignificado, extrapolando seus limites individuais de proteção e defesa, seguindo para dimensões coletivas em que, estando um (a) em estado de insegurança, todos (as) estaremos de algum modo incidindo nesta condição, pois não há aquele (a) que esteja seguro (a), que não interfira e contribua para a insegurança do outro.





JESUS É A VITÓRIA DO AMOR E DO PERDÃO SOBRE A VIOLÊNCIA

PR. HENRIQUE
VIEIRA

Henrique Vieira é professor, cientista social, historiador, teólogo e ator. Pastor da Igreja Batista do Caminho, Niterói/RJ.

Jesus viveu em um território que era dominado pelo Império Romano. Esta dominação significava grande violência contra galileus e judeus, desagregando seu modo de vida, desrespeitando seus costumes e crenças e retirando grande parte do fruto do seu trabalho, através de uma pesada carga tributária. A ordem mundial imposta significava a concretização de estruturas violentas sobre as áreas conquistadas. A própria lógica de funcionamento daquela sociedade era extremamente violenta.

Imagine trabalhar incansavelmente e ver grande parte daquilo que se produziu sendo transferido para um governo composto por autoridades ricas e soberanas. Imagine o significado de viver no limite da sobrevivência, buscando – literalmente – o pão de cada dia. Ou até mesmo viver na miséria, isto é, não ter nem o suficiente para a própria sobrevivência. Grande parte do povo do qual Jesus fazia parte vivia exatamente nessa condição. Eram pessoas, em sua maioria, destituídas de poder político e praticamente sem posse ou renda. Situação parecida a de muitos brasileiros nos dias de hoje, que se encontram à margem do poder político, com praticamente nenhuma capacidade de influência em legislações e políticas públicas. Pessoas que não conseguem acessar seus direitos e que, ao mesmo tempo, são constantemente criminalizadas. Situação como daqueles e daquelas que estão desempregados ou na informalidade, com uma renda que não possibilita viver com tranquilidade e dignidade.

IMAGINE A DOR DE NÃO TER COMO PAGAR O ALUGUEL, DE NÃO TER ACESSO À ÁGUA POTÁVEL, DE NÃO TER O QUE DAR DE COMER PARA OS FILHOS. DE FICAR MESES NA FILA PARA CONSEGUIR UM EXAME OU UMA CONSULTA PARA CUIDAR DA SAÚDE. ESSE TIPO DE SITUAÇÃO – QUE ADOECE O CORPO, ABATE O SEMBLANTE E ANGUSTIA O CORAÇÃO – TEM GRANDE SEMELHANÇA COM A PRECARIIDADE DE VIDA DE GRANDE PARTE DO POVO DE JESUS.

Essa era a ambiência em que ele viveu, em que seus discípulos viveram e das quais surgiram os textos que compõem o Novo Testamento.

Existiam os relativamente pobres e os relativamente abastados. Nesta categoria estão incluídas todas as pessoas que, por meio de seu trabalho, conseguem assegurar a subsistência da sua família, que consiste em moradia adequada e alimentação suficiente.¹

Existiam os absolutamente pobres e, neste grupo, todas as pessoas que viviam no limite ou abaixo do mínimo necessário

1 STEGEMANN, Ekkehard; STEGEMANN, Wolfgang. *História social do Protocristianismo: os primórdios do Judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. São Paulo; São Leopoldo: Paulus; Sinodal, 2004, p. 92.

à subsistência, ou seja, apresentavam carência de alguns ou de todos os elementos fundamentais para a vida, tais como moradia, alimentação e vestuário.²

Como interpretar adequadamente os Evangelhos, desconsiderando esse contexto social? Jesus não era uma “cabeça falante” fora da história, jogando ditos descontextualizados. Sua mensagem só tem sentido dentro do contexto em que ele viveu, viu e sentiu o mundo. E fica evidente que Jesus entendeu a sua vocação a partir da experiência dos pobres, dos oprimidos, daqueles que estavam distantes das riquezas, dos privilégios, do poder político e do topo da hierarquia religiosa.

Assim, uma afirmação contundente que marca o início deste artigo é a de que a sociedade em que Jesus viveu era estruturalmente injusta e violenta. Injusta porque o poder político e econômico era concentrado nas elites e grande parte da população vivia na pobreza e na miséria. Esta situação, por si só, além de díspar, é violenta, se entendermos violência como tudo aquilo que impossibilita o ser humano de viver com dignidade e desfrutar com liberdade do tempo e das possibilidades de sua vida. A violência está na desigualdade, na manutenção dos privilégios, na comida jogada fora e nas crianças com fome. Essa realidade, em que uma minoria rica e poderosa se apropria da riqueza produzida

2 Idem.

por uma maioria trabalhadora, é necessariamente violenta. Esta realidade de abundância material concentrada e pobreza compartilhada é violenta. Esta realidade em que uma classe dona das terras e dos instrumentos de poder vive na comodidade e no desperdício, enquanto outra luta para ter o suficiente com o suor do seu trabalho, é violenta. Quero que você reflita comigo sobre como a própria ordem política e econômica da sociedade em que Jesus viveu era violenta, porque necessariamente degradava a vida de grande parte da população.

As ideias e mensagens do Mestre tinham profunda relação com o contexto de sua vida. Cremos que Deus assumiu a condição humana em Jesus, em toda sua integralidade.

SENDO ASSIM, AS FALAS DO NAZARENO TINHAM PROFUNDA RELAÇÃO COM O CONTEXTO CONCRETO DE SUA VIDA. O CAMPO SIMBÓLICO E RELIGIOSO SEMPRE SE APRESENTA VINCULADO AO CONTEXTO ECONÔMICO, SOCIAL, POLÍTICO E HISTÓRICO NO QUAL AS IDEIAS RELIGIOSAS OPERAM E DA QUAL ELAS PARTEM.

Repare comigo no Canto de Maria, que está registrado no Evangelho de Lucas:

Então disse Maria: minha alma engrandece o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu salvador, pois atentou para a humildade de tua serva. De agora em diante, todas as gerações me

chamarão de bem-aventurada, pois o Poderoso fez grandes coisas em meu favor; santo é o seu nome. A sua misericórdia estende-se aos que o temem, de geração em geração. Ele realizou poderosos feitos com seu braço, dispersou os que são soberbos no mais íntimo do coração. Derrubou governantes dos seus tronos, mas exaltou os humildes. Encheu de coisas boas os famintos, mas despediu de mãos vazias os ricos. Ajudou a seu servo Israel, lembrando-se da sua misericórdia para com Abraão e seus descendentes para sempre, como dissera aos seus antepassados.³

Segundo a narrativa deste Evangelho, Maria exulta de alegria por ter recebido a notícia de que daria luz ao Salvador. Extasiada pela visita do anjo Gabriel, mensageiro do Senhor, ela visita Isabel, que também estava grávida, daria luz a João Batista. Duas mulheres pobres, vivendo em um território dominado pelo Império Romano, numa sociedade patriarcal que confere poder, autoridade e privilégio ao homem. Naquele momento, elas se encontram e celebram a visitação de Deus em suas vidas. É neste contexto que está registrado este belíssimo canto.

Maria demonstra felicidade por Deus ter se lembrado dela, de sua condição humilde. Também expressa gratidão pela fidelidade de Deus com o seu povo, que vivia sob constante domínio e jugo opressor de outros povos. Então, ela começa a relatar os feitos de Deus que se atualizam na vida do filho

3 Bíblia Sagrada, Evangelho de Lucas capítulo 1, versículos 46 e 55.

que ela aguardava. Nesse ponto, ela fala que Deus dispersa os soberbos no seu íntimo e derruba os poderosos. Imagine o significado desse canto e desse texto que passou a circular nas primeiras comunidades cristãs! Lembre-se de que, primeiro, as histórias de Jesus foram repassadas oralmente, a partir da curiosidade, das perguntas, das necessidades e das demandas das pessoas e das comunidades. Significa que, esta memória do Canto de Maria, alastrou-se entre as comunidades de fé em Jesus – em sua maioria de pessoas pobres. Ali, como visto, está registrado que Deus atua no coração humano para retirar a vaidade, a ganância, a ambição egoísta, a sedução pelo poder. Pobres e oprimidos inspirados no Canto de Maria, denunciando a ferocidade dos ricos e poderosos que tanto maltratavam as suas vidas. Para além dessa dimensão subjetiva dos efeitos da ganância no coração humano, ainda há uma dimensão objetiva, pois ela canta que Deus derruba os governantes de seus tronos! Fica caracterizado a dimensão política insurgente do Evangelho, que denuncia os governos que oprimem o povo.

O canto ainda continua, afirmando que “Deus enche de bens os famintos e despede de mãos vazias os ricos!”. É texto popular, que nasce da condição de vida dos oprimidos, que expressa seus sonhos e luta por vida digna. É texto que questiona o poder das elites, que anuncia uma reversão histórica com quebra de privilégios para promoção da justiça. Evidencia-se que justiça nada tem a ver com vingança, mas com a retirada dos privilégios e dos instrumentos que os opressores possuem para explorar e expropriar os oprimidos. Justiça é

reconciliação que se dá por meio de reparação histórica. Esse canto, registrado logo no início do Evangelho de Lucas, no contexto de festejo e celebração pela boa notícia trazida pelo anjo a respeito do nascimento de Jesus, mostra-nos que a paz deriva da justiça e que o Evangelho proclama como violenta toda ordem que promove desigualdade social e massacre aos pobres.

Mas, para manter a gestão dessa ordem desigual, o Império Romano utilizou-se de mecanismos explicitamente violentos para aplacar revoltas e difundir medo e obediência. Nas décadas anteriores à atividade de Jesus, os romanos invadiram a região da Judeia e da Galileia, impondo diversas práticas violentas e humilhantes para o povo da terra de Israel, escravizando os sadios e eliminando os incapazes.⁴ Pode-se observar que, no contexto da dominação romana, já havia um histórico de opressão e controle imperial descharacterizando o modo de vida das sociedades tradicionais da Judeia e da Galileia. Horsley denomina este processo de espiral de violência, caracterizando-o como fundamental para a existência de diversas formas de resistência, inclusive àquela representada pelo seguimento de Jesus.

A conquista do Oriente Médio pelos Romanos caracterizou o estabelecimento de uma nova ordem mundial,

4 HORSLEY, Richard. **Jesus e o Império: O Reino de Deus e a nova desordem mundial**. São Paulo: Paulus, 2004, p. 21.

hegemonizada pelo Império Romano. Com o estabelecimento desta nova ordem mundial, um conflito se colocava: aquilo que era considerado glória, esplendor, paz, prosperidade e modo ideal de civilização para os privilegiados pelo sistema, representava justamente uma nova ordem desorientadora, fragmentadora e opressora para os povos subjugados.⁵

É nesse contexto que o seguimento de Jesus surge questionando a ordem do Reino de César e anunciando a beleza do Reino de Deus. Jesus andou principalmente com os pobres, miseráveis e oprimidos. “Bateu de frente” com as lideranças religiosas que tinham relação profunda com o Império Romano e pesavam o povo com uma alta carga de exigências morais.

JESUS QUESTIONOU OS VALORES MORAIS QUE SELECIONAVAM PESSOAS COMO MENOS IMPORTANTES, DESCARTÁVEIS, CUJA VIDA NÃO TINHA VALOR E CUJA MORTE ERA NATURALIZADA OU ESPERADA. JESUS DESAUTORIZOU OS VALORES SELETIVOS QUE IMPUNHAM EXCLUSÃO;

a autoridade dos líderes religiosos e até mesmo a legitimidade do Imperador Romano. Justamente por essas razões, Jesus foi preso, torturado e assassinado. Foi entregue por

5 Idem, p. 27.

líderes religiosos que se sentiam ameaçados, condenado e executado pelo Império Romano, isto é, pela ordem legal da época. Ainda foi hostilizado por parte do povo, tomada por um sentimento de ódio e vingança induzido pelas elites e pelas autoridades. Enfim, o sistema vigente faz uso da violência para sua manutenção.

As histórias do Evangelho dão testemunho de como Jesus denunciou o caráter violento daquela sociedade e como percebeu na prática efetiva e emancipadora do amor o caminho para as relações humanas e sinalização do Reino de Deus. Ele impediu que a mulher flagrada em adultério fosse apedrejada (João 8:1-11) questionando a autoridade moral daqueles homens. Ele se negou a reproduzir o ciclo de ódio existente entre judeus e samaritanos e não viu na violência uma forma de resolver conflitos (Lucas 9:51-56). Ele não optou por uma resistência armada contra o Império Romano, avaliando que tal atitude deixaria ainda mais vulneráveis os seus discípulos (Mateus 26:51-52). Contrapôs-se à lógica do “olho por olho” e do “dente por dente”, afirmando que é preciso perdoar infinitamente, isto é, como Deus nos perdoa (Mateus 18:21-22). Afirmou que seus discípulos seriam reconhecidos pela prática do amor (João 13:34-35). Não desejou mal nem para os seus algozes e torturadores (Lucas 23:34).

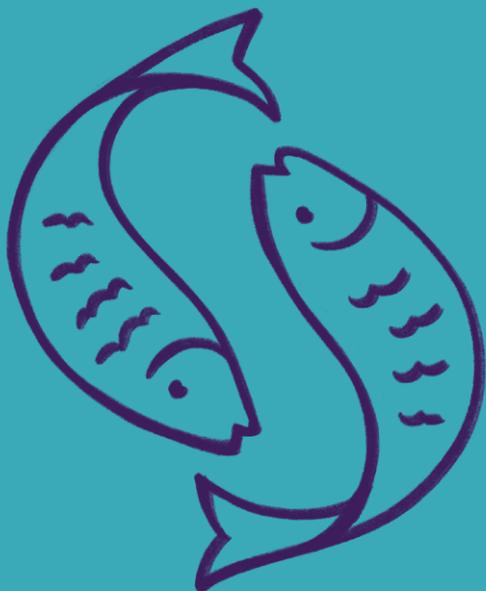
Este é o testemunho mais profundo do Evangelho que, por um lado, denuncia a violência estrutural que seleciona corpos para a morte e que reprime ostensivamente manifestações e movimentos de resistência.

PARA JESUS A RELAÇÃO RICO/POBRE E OPRESSOR/OPRIMIDO ERA NECESSARIAMENTE INJUSTA E VIOLENTA. CONTUDO, O MESTRE DE NAZARÉ TAMBÉM CHAMOU A ATENÇÃO DOS SEUS DISCÍPULOS PARA QUE ELES NÃO REPRODUZISSEM OS MECANISMOS E AS ATITUDES DE VIOLÊNCIA. ELE NÃO QUERIA QUE O OPRIMIDO DEIXASSE DE SER OPRIMIDO PARA SE TORNAR OPRESSOR, QUERIA DAR FIM A TODA RELAÇÃO DE OPRESSÃO.

É preciso, a partir da Bíblia e dos ensinamentos de Jesus, agir no mundo de hoje. Atualizar o sentido da vida de Jesus é desafio dos cristãos. Vivemos num dos países mais desiguais do mundo, com milhares de pessoas vivendo na pobreza e na miséria, sem acesso ao mínimo para sua sobrevivência. Enquanto temos casas sem gente servindo à especulação imobiliária, temos milhares sem casa, ou morando na rua ou na mais absoluta precariedade. Enquanto terras ficam vazias e improdutivas, esperando valorização sobre controle de ricos latifundiários, milhares de milhares buscam um palmo de terra para plantar e sobreviver. Indígenas têm dificuldade de verem suas terras demarcadas e sua cultura respeitada. Quilombolas também tem dificuldades para manter suas terras e heranças culturais. Milhões de trabalhadores vivem na informalidade, sem nenhum direito garantido, numa luta diária pela sobrevivência. Estamos diante do genocídio da juventude negra em nosso país, com dados alarmantes que apontam para um massacre sistêmico contra pobres, negros

e moradores de favelas e periferias. Somos o país que mais mata transexuais e travestis no mundo e a violência contra as mulheres é algo sistêmico e cotidiano. O sistema político protege privilégios, mantém elites no poder, retira os poucos direitos e ameaça sistematicamente a Democracia. Ao que tudo indica a Democracia não parece um valor inegociável para as elites, mas o lucro sim. Ainda existem os discursos de ódio, preconceito e intolerância, estimulando comportamentos violentos, especialmente contra mulheres, negros e LGBTs. Olhando para a vida de Jesus, buscando com humildade e sempre coletivamente interpretar o nosso tempo histórico e a situação do nosso país, acredito que os cristãos precisam proclamar a verdadeira paz, aquela que é fruto da justiça, do compromisso com os pobres, do acolhimento às diferenças, da hospitalidade para com todos, do amor como atitude que dignifica a vida e supera os mecanismos estruturais e cotidianos de violência.





AMOR E RESPEITO: BASES PARA PROMOÇÃO DA DIVERSIDADE RELIGIOSA

PR. KLEBER LUCAS

Pr. Kleber Lucas é cantor, compositor, teólogo e mestrando em História Comparada. Pastor da Igreja Batista Soul, RJ.

Não! Essa não é e não será uma exortação bíblica. Mas, por ser o religioso que sou, não posso me furtar a fazer minhas observações e tentar compreender minhas experiências do dia a dia sem levar em consideração, ou sem enxergá-las, a partir de um “leve e suave” contato com as minhas questões religiosas. Digo isso, também, olhando para o meu passado e ainda me vendo como um ‘menino’ que aos poucos vai tecendo as suas construções, suas vivências e experiências cotidianas dentro de uma sociedade que nos desafia todos os dias.

Por isso, para falar sobre o tema da diversidade religiosa, quero aqui fazer uma brevíssima análise a partir das minhas experiências enquanto sujeito religioso, que está sempre em “construções e reconstruções”. Ressalto que não vou fazer nenhum tipo de defesa narcisista do meu ‘eu’ na tentativa de me expor. E muito do que vou escrever aqui está muito mais relacionado com a difícil experiência do fim de 2017, quando, atendendo ao convite de irmãs e irmãos, aceitei participar de uma cerimônia inter-religiosa que celebrava a contribuição de uma instituição cristã, o CONIC (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs) na entrega de uma quantia para reconstrução de um terreiro que fora, todos sabiam, queimado e destruído por iniciativa de pessoas evangélicas, em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro.

**ACREDITAVA, EU, ESTAR AGINDO
EM NOME DO AMOR, DO RESPEITO,**

DA TOLERÂNCIA E DA SOLIDARIEDADE QUE, AO MENOS PELO EXEMPLO DE JESUS, NÃO FAZ ACEPÇÃO DE PESSOAS.

Porém, ao contrário do que esperava, a partir daí sofri vários ataques, ofensas a mim e a minha fé. Todas elas vindas de cristãs e cristãos que me hostilizavam por minha ação que acreditava ser de solidariedade, simplesmente por ter me dado a oportunidade de dialogar e estar com o outro, cuja religião é diferente da minha e não crê os mesmos princípios religiosos que eu. Opto em falar, trazer à tona este episódio, pois acredito que sempre devemos transformar em palavras aquilo que “aperta” o nosso coração.

Então... Vamos lá? Meu nome é Kleber Lucas. Mais conhecido no meio evangélico e, principalmente no soul gospel, como Pr. Kleber Lucas. Antes de ser quem hoje sou, reconhecido dentro e fora do país, eu era apenas o Kleber Lucas Costa. Eu não nasci cristão. Tornei-me cristão e fui me descobrindo enquanto um ser religioso, guiado e conduzido a partir das minhas experiências e subjetividades. Eu nasci menino negro, cria de São Gonçalo, que assim como muitas outras tantas crianças negras, vista sem muitas expectativas de vida.

Cresci e sobrevivi no meio das adversidades sociais e políticas de um Brasil da década de 1960. Como toda criança de periferia, aprendi desde cedo a transformar adversidade em possibilidades: de brincar, de criar, de conhecer, de

encontrar, de ser e, principalmente, de experimentar. E, experimentar aqui, salienta a novidade que o encontro com o outro proporciona.

PORQUE NAS COMUNIDADES PERIFÉRICAS E MARGINALIZADAS, O ENCONTRO COM O OUTRO – O CONHECER O OUTRO – É SEMPRE UMA POSSIBILIDADE DE DERRUBAR BARREIRAS QUE, MUITAS VEZES, FORAM ERGUIDAS SEM NOS DARMOS CONTA DE QUANDO OU ONDE FORAM ESTABELECIDAS.

Foi assim, lidando exaustivamente com o “diferente”, que surgiram minhas primeiras experiências e vivências na comunidade – e, através delas, fui conduzido a uma abertura dialógica em prol da diversidade e das alteridades religiosas, que hoje venho alimentando e alicerçando com mais veemência. Nas comunidades, todo mundo é igual! Não nos dividíamos sobre o eixo “cristão” ou “não cristão”, pois nós sabíamos que na hora da “batida” todo mundo ali seria enquadrado como favelado ou marginal.

Por essa, dentre outras tantas razões, permanecíamos unidos, independente de nossas crenças. Além de ser uma possibilidade de construção de laços de afeto, essa prática nos mantinha vivos e coesos. Não podemos nos esquecer

de que o principal mandamento e legado de Cristo é o amor: “Um novo mandamento lhes dou: Amem-se uns aos outros. Como eu os amei, vocês devem amar-se uns aos outros.” (João 13:34). Palavras de Jesus em seu discurso de despedida aos discípulos. E, também, não podemos jamais nos esquecer que as primeiras comunidades cristãs eram plurais e, em sua essência, o que as uniam era o amor. Não era um amor frívolo, que se norteara por circunstâncias ou aparências! Mas, sim, um amor puro que permitia aos discípulos da época enxergar uns nos outros sem pretensas disposições religiosas à frente.

Assim, crescer em comunidade significava crescer sem barreiras para o encontro com o outro. Foi sem barreiras que pude compreender as diversidades religiosas que ‘habitam’ as comunidades da cidade do Rio de Janeiro, bem como outras tantas Brasil afora. Diversidade essa que foi instaurada desde a gênese da formação social do nosso país, dado o “encontro” entre as culturas, tradições e religiosidades ameríndia, cristã branca portuguesa e negra africana. Ressalto que a palavra encontro está entre aspas, pois quero salientar que essa experiência não simbolizou e, não simboliza, algo de positivo ao que podemos descrever como uma “beleza de encontro”, principalmente para os milhares de mulheres e homens negros que aqui aportaram na condição de escravos.

Como bem explicitado na História, o tráfico negreiro, que causou um enorme dano demográfico e cultural para as sociedades africanas, foi fomentado pelas ideias racistas

e eugenistas construídas dentro do continente europeu. Elas ganharam força nos séculos XVIII e XIX dentro e fora do Brasil, onde pessoas brancas – e tudo o que refletia sua cultura – era posto e reconhecido como superior em relação às pessoas negras e suas respectivas culturas. Esse aspecto de superioridade permeou, também, o campo religioso. Por isso, os batismos e a catequização cristã de mulheres e homens negros, principalmente no período colonial, eram entendidos como desvinculação a uma religiosidade e cultura inferiores.

As ideias eugenistas, que mais tarde foram transformadas em políticas eugênicas e de higienização social, promoveram e fomentaram um dos maiores e piores episódios em nossa história, as perseguições religiosas contra aqueles e aquelas que criam diferente. Sim, pois a ideia de higienização social, promovendo o branqueamento da população brasileira, também foi duramente incentivada do ponto de vista religioso. Assim, quanto menos vestígios religiosos correlacionados ao continente africano, mais “civilizada” era vista a nação. Tanto que, para demarcar uma separação, por um bom tempo as religiões afro-brasileiras, ou de matrizes africanas, eram chamadas e conhecidas dentro das sociais brasileiras como “religiões de negros”.

Algo bem diferente do que podemos identificar nas propostas e ensinamentos de Cristo, ensinando-nos que as diferenças são as bases constitutivas de uma comunidade. Eu vivenciei isto quando era menino, pois –

INÚMERAS VEZES – FUI AMPARADO, JUNTO COM MINHA FAMÍLIA, POR PESSOAS QUE NÃO COMUNGAVAM DA MESMA FÉ QUE EU, MAS TINHAM EM SEUS CORAÇÕES E AÇÕES UM ENTENDIMENTO E COMPREENSÃO DE MUNDO QUE ULTRAPASSAM AS NOSSAS CONSTRUÇÕES PESSOAIS E RELIGIOSAS.

Valores construídos sobre a importância da alteridade que nos permite enxergar um no outro, tal como Cristo, que se permitiu conversar e enxergar a samaritana (João 4); sem levar em consideração as divergências que poderiam causar desse encontro por ser ela diferente. O que importou para Ele foi vislumbrar e ser vislumbrado pela perspectiva da alteridade, rechaçando todo e qualquer “rótulo” cultural e religioso.

Porém, nos últimos anos, o que poderia ser transformado em união e fortalecimento, tem se transformado em ponto de cisão e conflitos. As diversidades religiosas que animavam as comunidades marginais e periféricas vêm sendo, paulatinamente, substituídas pelo ódio e fundamentalismo religioso. Elas são apresentadas à sociedade como falsa ideia de liberdade de expressão e opinião.

Segundo o Babalawô Ivanir dos Santos:

A intolerância religiosa não é um fenômeno social que acontece exclusivamente no Brasil. Um breve panorama histórico, sobre as tramas de construção do Estado, nos mostra que a intolerância

religiosa foi durante a Idade Média um dos motivos da Caças às Bruxas, na Era Moderna e Contemporânea um dos motivos de perseguições aos judeus, muçulmanos, cristãos ortodoxos, grupos Ciganos e grupos religiosos afro-brasileiros etc. Entretanto, decorre o fato que no Brasil há um íntimo namoro, regado pelas pétalas do preconceito, entre intolerância religiosa e racismo.¹

Assim, o fundamentalismo religioso – que tem bases na ideia de superioridade, aversão ao diferente, de mãos dadas às ideias de higienização social – vem alimentando os diversos casos de intolerância religiosa no Brasil. Ao nos debruçarmos sobre os muitos casos de intolerância, constatamos que grande parte são contra os adeptos das religiões de matrizes africanas. Segundo os dados do livro *Intolerância Religiosa no Brasil: Relatório e Balanços*², dos 1014 casos de intolerância religiosa registrados entre os anos de 2012 a 2015, pelo Centro de Promoção da Liberdade Religiosa & Direitos Humanos (CEPLIR), 71,15% são casos de violências contra os adeptos das religiões afro-brasileiras.

Estes dados nos permitem observar que a sociedade opera e cresce junto ao preconceito, racismo, desrespeito e desumanidade. Por isso, para fazer frente a todos os processos

1 Santos, Carlos Alberto Ivanir. **Intolerância Religiosa: Racismo Religioso**. In: Cadernos CONIB nº 4, Novembro de 2016, p. 51.

2 Santos, Carlos Alberto Ivanir. (Org.). **Intolerância religiosa no Brasil: Relatório e Balanço**. Rio de Janeiro: Kline, 2017.

de intolerância, exclusão, falta de amor e alteridade contra o outro, a Comissão de Combate à Intolerância Religiosa (CCIR) e o Centro de Articulação de Populações Marginalizadas (CEAP) vêm promovendo a *Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa*. A caminhada, que no ano de 2018 chegou a sua 11ª edição, surgiu em 2008, na cidade do Rio de Janeiro, após os terríveis casos de intolerância religiosa que aconteceram no Morro do Dendê, onde adeptos das religiões de matrizes africanas foram sumariamente expulsos da comunidade. De lá para cá, a Caminhada vem ao longo desses dez anos promovendo cursos, debates, eventos e encontros que possam fomentar e proporcionar diálogos inter-religiosos, a diversidade e a pluralidade alicerçadas pelo amor, pela compaixão e pela esperança. À frente da *Caminhada* encontram-se líderes de diversas denominações religiosas, representantes que comungam o mesmo desejo de respeito pelas diferentes crenças, ideias e pensamentos.

A *Caminhada*, além de refletir o desejo de união, expressa a possibilidade de reconstrução de um ambiente social religioso no Brasil que, desde o período colonial, vem sendo alimento pelo ódio e aversão ao outro. Foi pensando no desejo que alimenta a muitas e muitos líderes que, no dia 16 de setembro de 2018, tive a oportunidade de reviver todos os valores de comunidade aos quais fui apresentado ainda menino em São Gonçalo, quando escolhi participar e ajudar a construir a 11ª *Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa*.

Valores como respeito, justiça, acolhimento e amor precisam ser renovados e lembrados todos dias. Eles estão no centro do entendimento sobre o que é ser cristão, o que é ser seguidor dos princípios que Cristo nos deixou; não representam um movimento de ódio, desrespeito e intolerância. E, é por isso, que hoje, mais do que nunca, quero todos os dias semear o diálogo inter-religioso a fim de derrubar todas as barreiras que foram construídas e que nos impedem de olhar o outro para além de suas escolhas religiosas, pois acredito que somos irmãos e irmãs; comungamos a mesma comunidade diversa e plural, tal como Cristo idealizou e nos deixou para que pudéssemos moldá-la, passo a passo, como um artesão que aos poucos vai transformando o barro na mais bela escultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa brevíssima reflexão não tem em si, ainda, nenhuma pretensão acadêmica. Ela é fruto das minhas experiências enquanto sujeito religioso que está sempre em construção. E, em especial, ela é fruto das experiências que tive nos últimos meses, ao me abrir à novidade que é estar e construir com o outro – que não é cristão e nem tão pouco comunga da mesma fé e crença que escolhi. Porém, podem nos ajudar a fazer de nossa comunidade (sociedade) um lugar possível, onde a tolerância e alteridade possam ser os nossos maiores anseios. Ter passado pela experiência na Baixada

Fluminense me fez amadurecer e compreender os limites que, muitas vezes, há no “amor” pregado por muitos cristãos e cristãs. Também aprendi que há muita gente sofrendo e sendo hostilizada porque escolheu apenas amar, acolher e indignar-se com a injustiça, com os limites que não podem ser ultrapassados. O respeito que eu quero para a minha igreja precisa ser o mesmo que eu desejo para o terreiro do meu vizinho. Posso desejar que ele abrace minha fé – e até me dedicar a isso, talvez – contudo, enquanto a escolha dele for outra religião, não posso negar-lhe o respeito e o amor. Não posso lhe negar a dignidade. Ainda há muito por caminhar, mas é preciso, e eu aprendi que estou disposto.



A IGREJA BATISTA EM COQUEIRAL E OS DIREITOS HUMANOS

PR. JOSÉ MARCOS

José Marcos é teólogo, psicólogo, articulador do Instituto Solidare. Pastor da Igreja Batista Coqueiral, Recife/PE.

Os Direitos Humanos têm origem na própria natureza de Deus e na relação que Ele tem com sua obra criada, como vemos no texto de Romanos 1:18-20:

Portanto, a ira de Deus é revelada do céu contra toda impiedade e injustiça dos homens que suprimem a verdade pela injustiça, pois o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio das coisas criadas, de forma que tais homens são indesculpáveis. (Grifo nosso)

Veja que o texto começa afirmando que a ira de Deus se manifesta contra toda forma de injustiça e termina dizendo que ninguém terá desculpas por ser promotor de injustiça, uma vez que a vontade de Deus tornou-se conhecida de todos a partir da naturalidade da sua criação. Essa capacidade de se discernir entre o que é justo/certo e injusto/errado é o que a história vai consagrar como Direito Natural.

A partir dessa concepção de justiça, no decorrer da história humana, vem sendo travada uma luta para se reconhecer o direito à vida. Desde o conteúdo expresso no *Cilindro de Ciro*, 539 antes de Cristo, até a *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, 1789, culminando com a *Carta Internacional dos Direitos do Homem*, que é a consolidação de documentos importantes que asseguram os Direitos Humanos, promulgados pela *Organização das Nações Unidas*.

A aplicabilidade dos direitos a cada pessoa, a partir do reconhecimento da igualdade entre todos, encontra largo amparo na obra de Jesus.

EM FUNÇÃO DA DEFESA DOS OPRIMIDOS, JESUS TRAVOU BATALHAS SUBSTANCIAIS ENTRE OS RELIGIOSOS E GOVERNANTES DE SUA ÉPOCA. EM TODO O SEU ENSINO E OBRA, ELE COLOCOU O TEMA DOS DIREITOS HUMANOS EM PRIMEIRO PLANO.

Já na identificação de sua tarefa, posiciona-se como defensor dos oprimidos (Lucas 4:18-19); no cerne do seu ensino, tão bem sintetizado nos capítulos 5, 6 e 7 de Mateus, Jesus inverte o conceito vigente em sua época de “bem-aventurados”, deslocando-o dos grandes para os pequenos do povo, a saber, “os pobres de espírito, os que choram, os humildes, os que têm sede e fome de justiça, os misericordiosos, os puros de coração, os perseguidos por causa da justiça e os que são injuriados por causa do seu nome” (Mateus 5:1-12). Jesus faz dura crítica à maneira como a Lei estava sendo aplicada e, a partir do mote “ouviste o que foi dito, eu porém vos digo”, faz toda uma reinterpretação da Lei submetendo-a à pessoa, sintetizando este ensino com a expressão “o sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado” (Marcos 2:27).

O Mestre vai ao extremo do ensino, ao afirmar que a defesa e a garantia dos direitos fundamentais da vida serão o critério de aceitação ou eliminação no acesso ao Reino de Deus (Mateus 25:31-47).

Não somente em Jesus, mas, em toda a Bíblia, o tema dos Direitos Humanos ocupa a centralidade. Desde a escolha de Israel em Abrão, Deus tem em vista o bem para todos os povos (Gênesis 12:1-3) e, tão logo esse povo cresceu e teve os seus direitos violados, o Senhor entrevistou: “Disse o Senhor: ‘De fato tenho visto a opressão sobre o meu povo no Egito, e também tenho escutado o seu clamor, por causa dos seus feitores, e sei quanto eles estão sofrendo. Por isso descendi para livrá-lo das mãos dos egípcios.’” (Êxodo 3:7-8a). Não há nada mais explícito num Deus que se importa com o direito dos oprimidos do que uma ação tão pessoal em favor destes.

Quando esse povo oprimido tornou-se opressor, Deus novamente entrevistou através dos seus profetas. Foi assim com Amós, que foi usado por Deus para denunciar a invalidez do culto solene orquestrado pelos líderes do povo, quando estes mesmos promoviam falcatuas e injustiças (Amós 5:23-24; 8:4-7). Já na profecia de Oseias, percebemos que todos pagam o preço quando o temor a Deus e a defesa da vida são abandonados. Sofrem a terra, as pessoas, os animais do campo, as aves do céu e os peixes do mar (Oseias 4:1-3; 5:10). Naqueles tempos de Oseias, a corrupção e a injustiça eram tão acentuadas que Deus clama: “eu quero

misericórdia e não mais sacrifícios!” (Oseias 6:6). Nos dias de Isaías, Deus chama o povo para uma troca: os eventos religiosos sofisticados que eram apresentados a Ele pelo fim da injustiça e da opressão e a luta pelos direitos dos menos favorecidos (Isaías 1:16-18). O profeta atacou os poderosos legisladores que não levavam em conta o direito dos pequenos: “ai daqueles que fazem leis injustas, que escrevem decretos opressores, para privar os pobres dos seus direitos e da justiça os oprimidos do meu povo, fazendo das viúvas sua presa e roubando dos órfãos!” (Isaías 10:1-2). Poderíamos citar muitos outros profetas e centenas de outras profecias acerca desse tema.

AS PRIMEIRAS IGREJAS LEVARAM A DEFESA DOS DIREITOS DOS OPRIMIDOS TÃO A SÉRIO QUE “NÃO HAVIA PESSOAS NECESSITADAS ENTRE ELAS” (ATOS 4:34). NÃO FOI À TOA QUE ESSES PRIMEIROS SEGUIDORES DE CRISTO FORAM DURAMENTE CASTIGADOS COM DEZ GRANDES PERSEGUIÇÕES QUE O IMPÉRIO PROMOVEU.

Eles eram os que pervertiam a ordem social opressora com uma nova maneira de viver a vida comunitária (Atos 17:6).

OS DIREITOS HUMANOS NA MISSÃO DA IGREJA LOCAL

A Igreja Batista em Coqueiral (IBC) foi fundada no ano de 1925. Encontra-se no bairro de Coqueiral, na cidade do Recife, no limite com a cidade de Jaboatão dos Guararapes, numa das periferias mais agressivas da Região Metropolitana. Como todas as igrejas que têm no exercício da religião o seu modo de operação da fé, tratava-se de uma igreja que concentrava quase toda a sua energia numa prática *templária* e dominical. Até que um dia uma pergunta coloca a igreja em crise: “se nossa igreja deixasse de existir, abruptamente, faria falta à nossa comunidade?”.

A pergunta conduziu a igreja a uma violenta crise existencial, pois, sua resposta foi um unânime não. A partir desse momento, a IBC começou a perceber que sua agenda e, conseqüentemente, a massa de suas atividades, estava relacionada a assuntos que, segundo seu entendimento, ocupavam espaço secundário no coração de Deus: festas anuais, aniversários, cultos dominicais e coisas do gênero.

Ao confrontar a natureza das suas atividades com circunstâncias que trazem angústia ao coração de Deus na Bíblia, como as vistas no primeiro tópico desse texto, a Igreja foi se dando conta de que estava desalinhada fundamentalmente com a missão que Deus tinha destinado a ela, sobretudo porque está alocada numa das áreas de

mais vulnerabilidade da Região Metropolitana do Recife.

Particularmente, um incidente pôs a igreja em cheque nos idos dos anos de 2004. Nas proximidades das instalações da igreja, um pai resolveu vender a virgindade de sua filha de apenas 15 anos. Este e tantos outros fenômenos desumanos de sua região passaram a ocupar o lugar central nos encontros de liderança e nos sermões dominicais, que só jogaram luz na verdade de que a IBC “não se parecia com Jesus de Nazaré” .

Profundamente incomodada por realidades dessa natureza, que nem de longe se configuravam como um fenômeno isolado da sua comunidade, a igreja passou a desenvolver ações concretas, inicialmente priorizando as crianças do bairro.

EM 2006, CRIOU O PROJETO NOVA COQUEIRAL, QUE ATENDIA A 180 CRIANÇAS NO CONTRATURNO ESCOLAR. TAL PROJETO TINHA COMO OBJETIVO LIVRAR AS CRIANÇAS ATENDIDAS DE AGRESSÕES COMO A CITADA ANTERIORMENTE E DAR A ELAS OPORTUNIDADE DE CRESCEREM EM UM AMBIENTE SADIO E QUE AS PREPARASSE PARA SEREM PROTAGONISTAS DO SEU FUTURO,

conforme os planos do Senhor para cada uma. Hoje, só nesse tipo de projeto, a igreja dá assistência a mais de mil crianças, tanto em Coqueiral quanto em outras regiões da cidade, bem como no agreste do estado de Pernambuco.

Percebendo que o Reino de Deus é uma construção a muitas mãos, e que o Senhor é o construtor do Reino, a igreja passou a buscar novos aliados na luta pela garantia dos Direitos Humanos e, como ferramenta estratégica para mobilizar recursos diversos, criou o Instituto Solidare¹, uma organização não governamental laica que tem a missão de promover o desenvolvimento social, político e pedagógico de crianças e adolescentes, a partir de suas famílias, sem distinção de sexo, etnia e credo. A partir dessa estratégia, tanto novas parcerias quanto novos saberes, experiências e desafios foram surgindo no espectro missionário da igreja.

Cada experiência vivida abre novos horizontes para enxergarmos outros campos de violações dos Direitos Humanos. Um campo importante é a falta de emprego e renda que, além de tornar a comunidade, sobretudo a juventude, vulnerável diante da criminalidade, faz despencar a autoestima e a resiliência, tanto dos sujeitos quanto da comunidade. A partir dessa percepção, nasceram projetos de geração de emprego e renda, autoestima e resiliência, condensados no programa chamado GERAR². Esse programa desenvolve projetos que qualificam pessoas para o mundo formal e informal do trabalho e da geração de renda.

1 Veja todos os projetos da igreja no site www.institutosolidare.org.br

2 GERAR é um acrônimo que significa Geração de Emprego, Renda, Autoestima e Resiliência.

Como dito, cada nova conquista alçada abre novos horizontes. O último horizonte aberto está alinhado com uma célebre frase do bispo católico D. Hélder Câmara, que refletia: “Se dou pão ao pobre me chamam de santo, mas, se pergunto por que o pobre não tem pão, me chamam de comunista”. Interpelada por essa verdade, a igreja passou a se ver como um instrumento sofisticado de “dar pão ao pobre”, mas que não sabia nada a respeito das razões pelas quais o pobre não tem pão. Foi nesse momento que a IBC passou a desenvolver um programa com projetos vinculados à área da defesa e da garantia dos direitos (advocacy). Dentre tantas ações desta área, destacam-se as escolas de fé e política, que têm como finalidade qualificar lideranças cristãs para, a partir da sua fé em Jesus de Nazaré, incidirem no mundo politicamente organizado. Há escolas para as regiões metropolitanas de Recife, Natal e Salvador, bem como para os sertões dos estados da Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Outro projeto desse programa é o *Rio Limpo Cidade Saudável*, que trata do Rio Tejiipió no enfrentamento comunitário às constantes cheias que assolam as comunidades ribeirinhas das periferias do Recife e Jaboatão dos Guararapes.

Hoje, a igreja opera 17 projetos – divididos em três grandes programas – que atendem diretamente a mais de 2.000 pessoas e, indiretamente, a mais de 10.000, tanto na região metropolitana do Recife, quanto no Agreste pernambucano, nos sertões de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, bem como outras regiões metropolitanas da região Nordeste.

Além dessas ações diretas, a igreja se articula em rede com diversas outras entidades da sociedade civil organizada, entidades governamentais e empresariais. Faz isso por entender que o Reino de Deus é construído a muitas mãos.

OS DIREITOS HUMANOS NA ESSÊNCIA DA ESPIRITUALIDADE DA IGREJA

Os Direitos Humanos não podem se configurar numa opção para igreja, mas, na essência de sua espiritualidade. Não dá para ser seguidor do Jesus Nazareno sem se preocupar com o próximo, sobretudo, o próximo oprimido e deixado à beira do caminho (Lucas 10:25-37).

O texto bíblico acima pode ser considerado o grande resumo da espiritualidade que o Senhor espera de nós e, consequentemente, da igreja. A IBC encontra-se profundamente transpassada por essa realidade descrita em Lucas, uma vez que há “tantos caídos à beira da estrada” ao seu redor.

A partir de sua realidade local, animada por essa experiência que envolveu como atores principais o homem assaltado e ferido, os operadores da religião (sacerdote e levita) e o samaritano, a igreja desenvolveu uma espiritualidade que a levou a buscar ser “Humanamente Santa, Humildemente

Serva e Radicalmente Simples”. É o que apelidamos internamente como espiritualidade S3H2R.

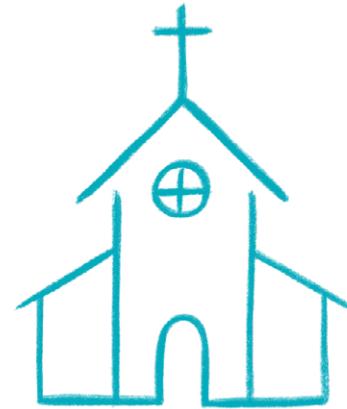
Percebendo que Jesus criticou a santidade do sacerdote e do levita que, por causa de um falso entendimento de que o templo é o lugar de serviço a Deus, deixaram de acudir o necessitado, a Igreja Batista em Coqueiral buscou desenvolver uma santidade profundamente embrenhada nos porões da vida concreta do povo. Uma santidade que se aproxima mais de Deus quanto mais se aproxima da dor humana. É isso que chamamos de uma espiritualidade humanamente santa.

Da mesma maneira que aqueles operadores da religião judaica deixaram de servir a Deus quando não serviram o caído à beira da estrada,

**A IBC ENTENDE QUE O SERVIÇO
A DEUS SÓ É POSSÍVEL NO SERVIÇO
AO OUTRO, COM PRIORIDADE AO OUTRO
OPRIMIDO. TAMBÉM ENTENDE QUE O
SERVIÇO É O PRINCIPAL IDENTIFICADOR
DO DISCIPULADO CRISTÃO, DE MANEIRA
QUE OU O CRISTÃO SERVE OU NÃO
SE PODE SER QUALIFICADO COMO
SEGUIDOR DE JESUS.**

Também incorporou à sua espiritualidade a característica da simplicidade, por entender que não dá para ser parecido com Jesus sem essa virtude. Não uma simplicidade forçada, mas a que esteja na raiz de todas as suas atitudes. Por isso, uma espiritualidade radicalmente simples.

É a partir dessa espiritualidade (humanamente santa, humildemente serva e radicalmente simples) que a Igreja Batista em Coqueiral se recusa a fazer divisão entre fé e obras, evangelismo e ação social, missão e Direitos Humanos, bem como todo e qualquer outro tipo de dicotomia que desassocie a fé da vida. Por causa disso, entende perfeitamente que a defesa dos Direitos Humanos, e porque não dizer dos direitos de toda a Criação, é simplesmente a missão da igreja, uma vez que esta missão consiste na reconciliação de tudo que foi danificado pela estrutura pecaminosa humana, de acordo com a mais essencial vontade de Deus (Colossenses 1:20).





TODAS AS VIDAS IMPORTAM? PROTESTANTISMOS E DIREITOS HUMANOS

JOÃO LUIZ MOURA

João Luiz Moura é teólogo, pedagogo e mestrando em Ciências da Religião. Membro da Igreja Batista de Água Branca, SP. Pesquisador e ativista de movimentos sociais ligados aos Direitos Humanos.

“Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança.” (Gênesis 1:26)

Ao contrário do que alguns canais midiáticos e algumas personalidades públicas insistem em nos fazer acreditar, a ideia de que todos os seres humanos possuem o direito de serem tratados com dignidade não veio de uma corrente ideológica ou de um partido político. “Dignidade humana” ou “sacralidade da vida” são expressões teológicas e encontram fundamento no que a teologia cristã chama de imagem e semelhança (Gênesis 1:27). Em nome da “sacralidade da vida” ou da vida humana como critério último e o bem maior, o Ocidente criou e assumiu a noção de que todos os seres humanos possuem certos direitos básicos.

Remontando à história dos Direitos Humanos, veremos uma significativa participação religiosa. Por exemplo, no século XVII, mais especificamente em 1636, um teólogo puritano e pregador protestante inglês chamado Roger Williams, muito antes do marxismo ou de Karl Marx existir, por causa da ideia de que reside em cada ser humano a imagem e semelhança de Deus – de que mora no interior, no fundo, na alma, nesse lugar mais sagrado do ser humano – a identificação com Deus, diziam: “Se em você mora a imagem e semelhança de Deus, você deve ser um humano livre. Você deve ter a sua liberdade respeitada, a sua possibilidade de ir e vir respeitada”. Naquela época, a grande questão da liberdade era crer e expressar a fé livremente.

OU SEJA, O CARISMA INSPIRADOR DE DISPUTAS E PRODUÇÕES POLÍTICAS SOBRE OS DIREITOS HUMANOS FOI A NOÇÃO TEOLÓGICA DA “DIGNIDADE DA PESSOA”, PROVENIENTE DA SUA CONDIÇÃO DE CRIATURA FEITA À IMAGEM E SEMELHANÇA DE DEUS.

A religião cristã e as teologias protestantes participaram ativa e intensamente da construção social daquilo que hoje atende pelo nome de Direitos Humanos. O que se sabe, a partir das teses de diversos pesquisadores e pesquisadoras de renome nos estudos sobre religião e política, é que, no Ocidente, a produção de estruturas culturais, jurídicas e políticas com vistas à proteção da pessoa humana frente aos abusos de poder do Estado foram influenciadas por noções teológicas e afirmações religiosas provenientes das tradições judaico-cristãs. As religiosidades cristãs, suas imaginações morais e visões de mundo, ofereceram referenciais teóricos/políticos/teológicos para que a noção de dignidade humana ganhasse formas jurídicas e políticas na instituição dos Direitos Humanos.

Caso investigássemos uma genealogia dos Direitos Humanos, perceberíamos que: suas origens políticas estão, intrinsecamente, ligadas a aspectos teológico-religiosos. Obra de referência nessa análise é a do alemão Hans Joas, que estruturou o que está sendo chamada de “nova genealogia dos Direitos Humanos”. Nesta investigação, a partir de uma

análise minuciosa das teorias clássicas sobre o tema, Joas menciona o trabalho de Georg Jellinek, que diz o seguinte:

A ideia de fixar em lei os direitos inalienáveis, inatos, santificados do indivíduo não tem origem política, mas religiosa. O que até aqui foi tido como obra da Revolução, é na verdade fruto da Reforma e de suas lutas. Seu primeiro apóstolo não é Lafayette, mas aquele Roger Williams, que, movido por um entusiasmo intenso, profundamente religioso, emigra para um lugar ermo visando um reino da liberdade de fé, cujo nome os norte-americanos ainda hoje mencionam com profunda reverência¹.

Não há como contornar/ocultar o profundo vínculo entre os protestantismos europeus e as tendências humanistas que anteciparam as discussões sobre os Direitos Humanos. É no contexto desta implicação mútua, ou para me referenciar por Weber, desta afinidade eletiva, operante desde a gênese da noção dos Direitos Humanos, que

AFIRMAMOS HAVER UMA ENERGIA TEOLÓGICA NO ÂMAGO DESTA CATEGORIA JURÍDICA, UMA MÍSTICA CRISTÃ ANIMANDO E INSPIRANDO LÓGICAS JURÍDICAS E POLÍTICAS QUE PRETENDIAM MAIS LIBERDADE, JUSTIÇA E FRATERNIDADE NAS RELAÇÕES SOCIAIS.

1 HANS, Joas. *A sacralidade da pessoa: nova genealogia dos direitos humanos*. São Paulo: Editora Unesp, 2012, p.47

Aqui reside uma contradição. Se o carisma inspirador de todas as disputas e produções políticas sobre os Direitos Humanos foi a noção teológica da “dignidade da pessoa”, proveniente da sua condição de criatura feita à “imagem e semelhança de Deus”, por que parte dos evangélicos estão aderindo a um discurso anti Direitos Humanos? Evangélicos concordam que “bandido bom é bandido morto”? Evangélicos aprovam um plano radicalmente neoliberal e, por isso, frontalmente contrário aos Direitos Humanos?

Claro, não podemos cometer o equívoco de achar que o universo evangélico é único, homogêneo. Evangélicos não são iguais, sabemos, e o direito à diversidade e à existência da pluralidade deve ser nosso maior horizonte.

MERCADO VERSUS DIREITOS HUMANOS

Tal como Boaventura apontou certa exclusão que atravessa a “universalidade” da *Declaração dos Direitos Humanos da ONU*, é preciso questionar os processos de exclusão que também circulam no interior dos protestantismos brasileiros. Nesse sentido, cabe atualizar as hermenêuticas de suspeição de Boaventura em relação aos sujeitos de direitos (ou não), nos campos teológicos brasileiros. Se para Boaventura “a grande maioria da população mundial não é sujeito

de Direitos Humanos²”, para o teólogo e pesquisador Jung Mo Sung, nem todas as pessoas são reconhecidas como “imagem e semelhança”. Para Jung, o reconhecimento da “dignidade humana” está atrelado ao acúmulo de bens,

Esse é o horizonte de compreensão da nossa sociedade capitalista. Um horizonte que a tradição bíblica chama de idolátrica. É idolátrica porque diz que a dignidade humana não vem do fato de todas as pessoas serem filhos ou filhas de Deus, mas de possuírem um produto humano, o dinheiro. A fonte da dignidade humana não é Deus, mas um ídolo: o dinheiro elevado à condição de fim último, absoluto, Mamom³.

SE ANTES AS RELIGIÕES UNIVERSAIS CRIAM QUE TODOS, INDISTINTAMENTE, SÃO IMAGEM E SEMELHANÇA DE DEUS, EM ALGUMAS TEOLOGIAS ATUAIS, POR EXEMPLO, O RICO É CONSIDERADO UM “ABENÇOADO POR DEUS”; POR ISSO, DIGNO DE TER SEUS DIREITOS GARANTIDOS. O POBRE É, PORTANTO, ALGUÉM SEM VALOR, INDIGNO.

Nessa lógica, a morte do pobre é autorizada e encontra legitimidade, inclusive, em alguns discursos teológicos.

2 SANTOS, Boaventura de Sousa. *Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos*. São Paulo: Cortez, 2ª ed, 2014. p.42.

3 SUNG, Jung Mo. *Se Deus existe, por que há pobreza?* São Paulo: Editora Reflexão, 2008, p. 65.

Para Jung, o nexo de causalidade dessas exclusões está intimamente ligado às dinâmicas e tecnologias das sociedades neoliberais. Neste sentido, “o projeto fundamental de nossa sociedade, que é determinante na formação do horizonte de compreensão, é acumular capital; em outras palavras, ganhar dinheiro.”⁴. Sendo assim, “se o projeto fundamental é ganhar dinheiro, as coisas têm valor e adquirem sentido à medida que servem para ganhar dinheiro.”⁵ Não basta considerar o neoliberalismo apenas como uma ideologia da qual derivariam automaticamente políticas econômicas. É preciso pensar, como propõe a tese defendida por Pierre Dardot e Christian Laval no livro *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*⁶, o neoliberalismo como produtor de certos tipos de relações sociais, certas maneiras de viver/morrer, incluir e/ou excluir. Ou seja, é preciso pensar o neoliberalismo como um espírito biopolítico no interior dos protestantismos no Brasil.

Seguindo esse raciocínio de Jung, nessa nova fase do capitalismo neoliberal, só gozam do “estado de direito” os sujeitos que possuem riqueza. Há uma espécie de eleição dos “sujeitos de direitos” e autorização dos “sujeitos matáveis”. Existem os não humanos, aqueles que segundo

4 *Idem*.

5 *Idem*.

6 DARDOT, Pierre. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016

Judith Butler, não são considerados “passíveis de luto”⁷; neste grupo, estão os negros, as mulheres, os índios e as diversas formas de sexualidade que não se “enquadram” no binômio homem-mulher.

—
 Não somente as coisas adquirem valor à medida que se tornam um meio de ganhar dinheiro, mas as pessoas também são valorizadas, ou não, de acordo com o dinheiro que possuem. As pessoas de muitas posses, os ricos, são consideradas ‘as pessoas de bem’; as que não têm ou não conseguem ganhar dinheiro, os pobres, são consideradas ‘pessoas sem valor.’⁸

Com efeito, a ideologia neoliberal assume a prerrogativa de juiz e diz quem pode ou não participar dos direitos provenientes da dignidade humana.

A FONTE DA DIGNIDADE HUMANA DEIXA DE SER DEUS E PASSA SER O DINHEIRO E A QUANTIDADE DE BENS QUE UMA PESSOA POSSUI. DITO DE OUTRA MANEIRA, VOCÊ É AQUILO QUE VOCÊ POSSUI.

Essa ideologia foi incorporada nas teologias da prosperidade. Em uma de suas pregações, o pastor Marco Feliciano, um dos maiores expoentes da Teologia da Prosperidade no Brasil, diz:

7 BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 3ª ed, 2017, p13.

8 SUNG, Jung Mo. 2008, *Loc. Cit.*

[...] seja um dizimista fiel, seja um ofertante com carinho e na necessidade: sacrifique e a prosperidade de Deus virá sobre a sua vida. Não importa o que foi que o Diabo levou, eu sei que o meu Deus tem em dobro para te dar. Você tem que parar de aceitar essa situação que o Inimigo soprou no seu ouvido dizendo que filho de crente tem que ser só um engraxate ou um vendedor de picolé. Não que isso desmereça, todo trabalho dignifica o homem quando ele é feito com respeito. Mas o seu filho pode ser um médico, um empresário. Você que está assistindo, trace suas metas e acredite que o seu Deus é dono do ouro e da prata [...]⁹

A partir dessa lógica, o pobre é tido como alguém sem valor, alguém cuja vida pouco importa. Ao passo que, se a vida do pobre não importa, não faz sentido lutar para que ele tenha seus direitos garantidos. Nesse caso, não é o humano que tem direito, é o capital. As novas formas de colonialidade não teriam realizado seus empreendimentos políticos e subjetivos se não tivessem sido envolvidas numa área religiosa que as legitimassem socialmente. Máscaras jurídico-teológicas foram necessárias para que as violências inerentes aos processos coloniais não fossem percebidas como barbárie e aniquilação. Por isso, é preciso maquiagem o horror com estéticas de santidade. Parte do protestantismo no Brasil empenhou-se profundamente em transverter as tecnologias de exclusão dos diferentes.

9 FELICIANO, Marco. **Prosperidade**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=0AiwafSyNk8&t=213s>> acesso em 15 de junho de 2018

DEUS CUJO NOME É AMOR

As hermenêuticas de suspeita levantadas ao longo deste texto nos ajudam a desconstruir os consensos hegemônicos que de uma maneira muito sofisticada justificaram e naturalizavam a destruição e a miséria dos colonizados, subjugados e oprimidos nas periferias do mundo. Negros, mulheres, LGBTs, índios e nordestinos tiveram (foram violentados-obrigados) que conviver com piadas preconceituosas e estigmatizantes. Todas, “naturalmente aceitáveis” e, inclusive, veiculadas aos próprios ajuntamentos religiosos. Os mesmos defensores dos Direitos Humanos serão aqueles que vão usar suas premissas para que humanos outros, não idênticos a eles, não tenham direito nenhum. É fato que alguns segmentos religiosos cresceram com um ímpeto mais individualista, moralista e silenciaram-se frente às tecnologias de morte que o neoliberalismo propõe. Igrejas, pastores e lideranças estabeleceram conluio com políticas de segregação aos pobres e reproduziram lógicas racistas e excludentes. Contradições também nos marcam, e isto deve ser reconhecido.

Contudo, há que se perguntar: quais são as inteligências produzidas pelas muitas expressões religiosas brasileiras que podem nos ajudar a repensar a (re) construção dos Direitos Humanos no Brasil? Como os afetos religiosos pluralistas e ecumênicos, gestados no cotidiano das cidades brasileiras, podem cooperar para radicalizarmos e aprofundarmos éticas que lutam por dignidade e justiça?

COMO VIMOS AO LONGO DO LIVRO, HÁ PESSOAS, IGREJAS E INICIATIVAS QUE, AO ENCONTRAREM O PRÍNCIPE DA PAZ NA FACE AMOROSA DO OUTRO, RESOLVERAM EMPENHAR SUA VIDA EM FUNÇÃO DO AMOR. UM AMOR QUE NÃO VIOLENTA, NÃO CONTROLA, NÃO EXPLORA. AMA E PONTO.

Não resta dúvidas, nós – a Igreja Brasileira – precisamos resgatar uma memória registrada no livro de Tiago. Há uma discussão muito interessante na carta do apóstolo Tiago. As pessoas estavam perguntando: Qual é o tipo de Lei que a gente deve seguir para viver bem com a gente mesmo, para viver bem com o próximo e para adorar a Deus? Tiago responde de uma maneira absurdamente linda. E é a mesma resposta que todo mundo que conviveu com Jesus dava para esse tipo de problema. Só existe uma lei regendo o coração da igreja, e só existe uma lei impulsionando tudo que a gente sente, pensa e faz. O Novo Testamento chama de amor. O amor é essa experiência ética que faz com que a gente deixe de ver o outro desconhecido como “um qualquer” e passa a entender toda e qualquer relação como uma proximidade. O amor é a nossa força motriz. Ele é o nosso espírito, é o nosso caminho. É ele quem nos faz olhar para o outro e nos identificar com uma radicalidade tão profunda que resista fazer mal.

AGRADECIMENTOS

Este livro se tornou possível pelo apoio, ajuda e participação inestimável de Flávio Conrado, Clemir Fernandes, Karen Ianino, Carlos Bezerra, Eduardo Foresti, Helena Hennemann e dos autores Caio Marçal, pastora Andreia Fernandes, pastora Kátia Ezoite, pastor Jairo dos Santos, André Guimarães, Géssica Dias, pastor Henrique Vieira, pastor Kléber Lucas e pastor José Marcos a todas elas e a todos eles agradecemos de todo o coração.

Agradecemos também a cada igreja, organização, pastores e pastoras que enviaram atividades para a nossa agenda de 40 Dias de Oração e Serviço pelos Direitos Humanos. As iniciativas de muitas e muitos de vocês certamente podem ser consideradas ilustrações vivas dos textos aqui apresentados, associando o evangelho de Jesus e a prática de amor e serviço, ou simplesmente, de respeito aos direitos humanos.

Agradecemos por fim à vereadora Patricia Bezerra por acreditar nesse projeto e por destinar os recursos de emenda parlamentar necessários para que fosse possível sua realização.

**Ronilso Pacheco, João Luiz Moura
e toda a equipe do Usina de Valores.**

USINA
de VALORES

O Usina de Valores, iniciativa do Instituto Vladimir Herzog, nasceu em 2018 a partir da urgência de disseminar e disputar valores que promovam uma cultura de direitos humanos capaz de sensibilizar e engajar pessoas na construção de uma sociedade democrática, justa e não violenta.

A proposta é fomentar a valorização e defesa da vida digna, do diálogo e das diferenças. Para isso, definimos cinco valores que pautam todas as ações do projeto: Dignidade Humana, Coexistir na Diferença, Escuta Ativa, Engajamento Político e Bem-viver.

O que move o Usina de Valores é a certeza de que o encontro e o reconhecimento dos diferentes tipos de coletividades é essencial para nos contrapormos ao momento de enorme tensão, desumanização e falta de amor ao próximo que vivemos, e também às violências que marcam a história do Brasil.

De forma prática, atuando em vários estados de diferentes regiões do país, o projeto promove ações formativas no online, com lives, site e ativação de redes, e no off-line, com cursos, oficinas e eventos. O foco prioritário é atingir evangélicos, comunicadores das periferias e movimentos sociais – atores e parceiros estratégicos capazes de amplificar e compartilhar saberes com uma pluralidade de pessoas.

Os cinco valores, assim, expressam a perspectiva de uma sociedade mais igualitária e justa, em plena sinergia com valores cristãos. Com estes princípios, defendemos a solidariedade, o respeito à diversidade e à democracia, e o combate a cultura de ódio e da naturalização da violência.

Para encorajar e nutrir uma ampla cultura de direitos humanos no país, é urgente superar a escassez de escuta entre grupos com possibilidade de entendimento mútuo. Um bom ponto de partida é unir, em uma publicação, assuntos que interessam ativistas e religiosos, que une a bíblia à fé em uma sociedade boa para todas e todos.

Nesse momento de profunda tensão, não há mais tempo para individualismos. É preciso somar aliadas e aliados para avançarmos. Para isso, precisamos reciclar e disseminar nossos valores.

Neste livro, os objetivos e a paixão que movem o Usina de Valores se encontram com os valores cristãos para promover uma comunhão ampla em nome dos direitos humanos.



Dezembro de 2018.

WWW.USINADEVALORES.ORG.BR

“Sempre houve evangélicos que, assim como Jesus, amaram os Direitos Humanos e a dignidade, que souberam viver com aqueles e aquelas que eram diferentes deles e que viram no Evangelho inspiração e razão suficiente para entender o que é defender justiça e igualdade”

RONILSO PACHECO

ORGANIZADOR DO LIVRO JESUS E OS DIREITOS HUMANOS

“O encontro dos valores dos direitos humanos com os valores cristãos é extremamente urgente e atual, pois a partir dele poderemos redescobrir como promover a defesa incondicional da dignidade humana, a valorização da diferença e da diversidade religiosa, a escuta ativa em relação ao outro, o engajamento político na transformação social por uma vida mais justa e plena, em que construiremos o bem-viver com a natureza e com as pessoas”

ROGÉRIO SOTTILI

DIRETOR EXECUTIVO DO INSTITUTO VLADIMIR HERZOG

REALIZAÇÃO



CO-REALIZAÇÃO



ISBN 978-05-65059-12-1



9 788565 059121